

# convergencia

NOV — 1974 — ANO VII — Nº 75



- **A VIDA RELIGIOSA À LUZ DO MISTÉRIO DA GRAÇA**, página 1173  
Pe. Alvaro Barreiro, SJ
- **OS SACRAMENTAIS E A VIDA RELIGIOSA**, página 1181  
Frei Fernando Figueiredo, OFM
- **A VOCAÇÃO NA ESCRITURA E NA VIDA DE JESUS**  
página 1189 — Pe. Josef Romer
- **SUBSIDIARIEDADE, UMA NOVA FORMA DE GOVERNAR**  
página 1207 — Pe. Germano Lesage, OMI

**Diretor-Responsável:**  
Frei Constâncio Nogara

**Redator-Responsável:**  
Padre Marcos de Lima

Direção, Redação, Administração:  
Rua Dom Gerardo, 40 — 5.º andar  
(ZC-05) — 20 000 — RIO DE JA-  
NEIRO — GB

---

**Assinaturas para 1974:**

---

Brasil, taxa única (via  
terrestre ou aérea) . Cr\$ 50,00  
Exterior, remessa marí-  
tima ..... US\$ 15,00  
Avulso ..... Cr\$ 5,00

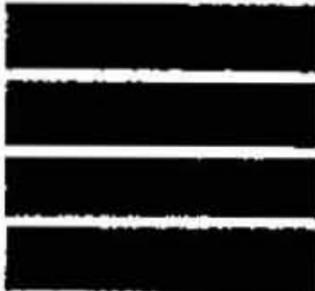
---

Os artigos assinados são da res-  
ponsabilidade pessoal de seus au-  
tores.

---

**Composição:** Compositora Helvé-  
tica Ltda., rua Correia Vasquez, 25  
Rio de Janeiro - GB.

**Impressão:** Oficinas Gráficas da  
Editora VOZES Ltda., rua Frei Luís,  
100 — 25600 — Petrópolis, RJ.



# SUMÁRIO

<b>EDITORIAL</b> .....	<b>1161</b>
<b>INFORME DA CRB</b> .....	<b>1163</b>
<b>A VIDA RELIGIOSA À LUZ DO MISTÉRIO DA GRAÇA, Pe. Álvaro Barreiro, SJ</b> .....	<b>1173</b>
<b>OS SACRAMENTAIS E A VIDA RELIGIOSA, Frei Fernando Figueiredo, OFM</b> .....	<b>1181</b>
<b>A VOCAÇÃO NA ESCRITURA E NA VIDA DE JESUS, Pe. Josef Romer</b> .....	<b>1189</b>
<b>EM DESTAQUE</b> .....	<b>1197</b>
1. Medellín, cinco anos de- pois, Dom Alfonso López Trujillo.	
2. Religiosas da Assunção em festa.	
<b>O PAPEL DA MULHER NA IGRE- JA E NA SOCIEDADE (Con- clusões)</b> .....	<b>1203</b>
<b>SUBSIDIARIEDADE, UMA NOVA FORMA DE GOVERNAR, Pe. Germano Lesage, OMI</b> .....	<b>1207</b>
<b>LIVROS NOVOS</b> .....	<b>1216</b>

Certo dia, dois pescadores limpavam despreocupadamente suas redes. Não alimentavam nenhum plano de grandeza. Tudo era segundo a medida, do pescador: pouca cultura, preocupações imediatas, orações ao Senhor para que protegesse a família e os ajudasse a fazer uma pesca boa, pois dela dependia o sustento.

O universo que conheciam não ultrapassava as fronteiras do lago. Desapercebidamente se aproxima deles um caminheiro, que podia ser um peregrino, um turista, mas que os impressionou pela serenidade. E o mais raro sabia-lhes o nome: Pedro, Tiago. Convida-os para uma missão estranha, para "serem pescadores de homens." Tiago e Pedro não resistem.

Deixam tudo. Um novo mundo se abre diante deles. Parece até um novo nascimento. E realmente o foi, sem mesmo o saberem.

Deus irrompe na vida quando o homem menos espera. Sua presença é irresistível e salvadora. A esta intervenção divina, nós chamamos graça, dom, chamado, gratuidade, vocação. Deus simplesmente quis escolher a quem lhe aprouve, sem perguntar por títulos, pela procedência, pelos cargos.

A ação do Senhor é irreversível, sempre atinge a meta. Isso acontece com todos os homens,



**EDITORIAL**

mas existem privilegiados, que o Senhor quer transformar em especiais companheiros e amigos, íntimos de seus segredos. E não tenho dúvidas que entre estes estão os religiosos. Por vezes temos dificuldades em entender o significado da graça que recebemos, pois ela nem sempre ou quase nunca vai de acordo com nosso comodismo, com nossa lógica, com nossas previsões.

Se o religioso recebe uma vocação específica, deverá estar preparado para seguir por um caminho estranho: onde as redes, as barcas, o lago, a praia, os peixes, os amigos, os projetos, as decisões individuais, a segurança, um teto protetor, tudo enfim deve ficar para trás.

E recebe como herança um caminho sem fim, a desinstalação, a insegurança, o serviço, a doação.

Como família recebe o mundo, como irmãos todos os homens. O religioso procederá como Pedro, seguirá o Senhor. Acontecerá alguma infidelidade também.

Não duvidamos que nossa pergunta a exemplo de João, é sincera:

“Vem e vê”, responderá ele.

“Senhor, onde moras?”

E vamos. Mas os dias são longos. Os anos pesam. As dificuldades se acumulam, as decepções crescem.

O horizonte se afasta. E podemos ser convidados por outros amigos, ao longo do caminho. E vemos então companheiros que deviam ficar e partem.

Não nos cabe julgar ninguém, nem os desígnios do Senhor. Na fé, na fidelidade, no amor, queremos prosseguir. Valerá a pena meditar sobre a **graça** de nossa vocação religiosa.

Os artigos que o leitor encontrará neste número de **CONVERGÊNCIA**, sublinham a vida religiosa como vocação, graça, amizade, comunhão.

**Pe. Álvaro Barreiro**, numa linguagem transparente, põe-nos em contato com o mistério da graça que se opera na vida do religioso. Cabe-nos descobrir os sinais, como Deus nos fala.

**Frei Fernando Figueiredo**, recolhe todos os sinais que rodeiam nossa vida e nos pergunta: como podem eles ser instrumentos de comunicação da graça? Seremos nós bastante sensíveis para percebê-la?

**Pe. Josef Romer**, nos introduz no íntimo do mistério da vocação religiosa, do seguimento fiel e privilegiado do Cristo.

Os três autores, bons teólogos, hão de trazer luz e esperança para nossas vidas.

O leitor encontrará igualmente **Subsidiariedade no Governo** e **Conclusões do Seminário sobre a Mulher**, realizado em maio deste ano.

**Frei Constâncio Nogara, OFM**

# INFORME

## CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

---

### ENCONTRO SOBRE PEQUENAS COMUNIDADES EMPENHADAS DIRETAMENTE NA PASTORAL

Com a finalidade de progredir na reflexão sobre os aspectos teológico-pastorais da vivência religiosa das Pequenas Comunidades e do seu trabalho na Igreja Particular, estiveram reunidos nos dias 13 a 18 de setembro, no Centro Educacional Coração de Jesus, do Alto da Voa Vista, Rio de Janeiro, Guanabara, representantes das 15 Regionais da CNBB-CRB, alguns Superiores Maiores, Dom Valfredo Tepe e Dom Davi Picão, Membros da CNBB Nacional, dez convidados entre Religiosos e Religiosas e os conferencistas: Pe. Alberto Antoniazzi, Frei Fernando Figueiredo, OFM, Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, SJ, Presidente Nacional da Conferência dos Religiosos do Brasil e Pe. Álvaro Barreiro, SJ.

Foram elaborados cinco textos para estudos, fruto da reflexão e da troca de experiências vividas entre os participantes. São estes: ◆ Preparação Pastoral dos membros da Pequena Comunidade. ◆ Experiência feminina na pastoral. ◆ O problema da remuneração. ◆ O ser religioso. ◆ Relacionamento entre Bispos, Superiores Maiores e Religiosos.

Estes textos constituem uma etapa na reflexão sobre o assunto; serão re-

-trabalhados em função de novos dados. No entanto, desde já, os participantes fizeram a título de sugestões as propostas que se seguem. Elas receberam um **consensus** global mas, por falta de tempo, não foram votadas uma por uma.

#### I — Propostas às Pequenas Comunidades

1. Que as Pequenas Comunidades se questionem sobre o seu sentido último, e que possam estruturar sua vida dentro da espontaneidade criativa, fiéis ao carisma dos seus respectivos Institutos Religiosos.

2. Que as Pequenas Comunidades realizem encontros nos quais: ● Criem a comunhão entre os membros, na oração e na vivência eucarística. ● Busquem comunitariamente a vontade de Deus. ● Planejem e revisem a vida comunitária e os trabalhos apostólicos, descobrindo os valores de cada um. ● Avaliem os objetivos assumidos por todos e se enriqueçam com a troca de experiências.

3. Os membros das Pequenas Comunidades, embora trabalhando em diferentes campos, assumam todos o trabalho de cada um, como se fosse o próprio.

4. Que as Pequenas Comunidades, como grupo — e não apenas a pessoa da religiosa — aceitem, assumam e se corresponsabilizem pelos trabalhos a realizar, integradas com os leigos, (fazer os outros fazerem).

5. Que sobre as Pequenas Comunidades haja avaliações periódicas de âmbito interprovincial e intercongregacional.

6. Que o grupo da Pequena Comunidade tome a sério o contrato firmado entre a Diocese e o Instituto Religioso.

7. Que as Pequenas Comunidades de uma mesma região ou Diocese promovam encontros intercongregacionais planejados que propiciem um aprofundamento espiritual adaptado ao gênero de vida, uma troca estimulante de experiências, uma reflexão pastoral atualizada.

## II — Proposta aos superiores

(A reflexão foi feita tanto para Religiosas como para Religiosos não presbíteros.)

1. Estejam atentos aos apelos missionários das Igrejas Particulares.

2. Estejam atentos às manifestações do Espírito em seus irmãos, ajudando-os no processo de discernimento.

3. Respeitando o carisma de seu Instituto, acolham os anseios de seus irmãos, para viver no meio do povo de Deus como presença atuante da Igreja.

4. Comprometam-se seriamente com a preparação de seus irmãos para esse novo trabalho, jamais improvisando as pessoas para isso.

5. A formação para a vida religiosa comporta um estágio em Pequenas Comunidades, sempre que possível.

6. O aspecto missionário, traço constitutivo de SER RELIGIOSO, sob o aspecto da universalidade, pobreza e disponibilidade abraâmica, seja mais cultivado na formação dos religiosos.

7. Os elementos da Pequena Comunidade tenham a capacidade de assumir, com maturidade, os riscos que lhe advierem.

8. O SER do religioso seja mais enfocado que o FAZER. Que as pessoas não sejam manipuladas em função das obras, sobretudo nas transferências.

9. Quanto possível, haja a conveniente continuidade dos integrantes da Pequena Comunidade.

10. (Cf. A Vida Religiosa na Igreja Particular nº 3, Sul I/CNBB.) "Que os diversos Institutos Religiosos tornem mais conhecidos dos Pastores respectivos, suas constituições e documentos fundamentais."

11. Cada Província ou Instituto Religioso, por seu Superior ou animador de Pastoral, continuamente incentive a integração das Pequenas Comunidades na Pastoral Orgânica da Igreja Particular.

12. Inicie-se um trabalho de avaliações periódicas de âmbito inter-provincial e intercongregacional, não somente nas Dioceses e Paróquias onde os pastores o permitem e se dispõem a assumi-lo de acordo com o Instituto Religioso e as pessoas, mas também onde por essa avaliação, apesar de não ser ela explicitamente desejada, a Pequena Comunidade tenha possibilidade provocar uma abertura, tanto na Paróquia, como na Diocese.

### **III — Propostas aos Bispos**

1. As Pequenas Comunidades — que são de um certo modo, um fato novo na Vida Religiosa — solicitem aos senhores Bispos que as assumam, não apenas como um grupo que vai resolver as “urgências pastorais” da Diocese, mas como parte integrante do mistério da santidade da Igreja e como testemunho da índole escatológica da própria Igreja, pois esforçam-se para viver a radicalidade dos valores do Reino no meio do Povo.

2. A Igreja local veja as Religiosas não apenas como funcionárias ou mero instrumento, mas as considere no seu próprio SER RELIGIOSO, como um dado apostólico. Os Bispos reconheçam e respeitem as características carismáticas de cada Instituto.

3. A comunidade local seja previamente preparada, tendo em vista o tipo de trabalho e o papel da Pequena Comunidade dentro dessa realidade.

4. A Igreja Particular, em sua Pastoral Orgânica, procure integrar as Irmãs das Pequenas Comunidades trabalhando em educação, saúde, promoção humana e outros campos de pastoral ambiental. (Cf A Vida Religiosa na Igreja Particular. Sul 1/CNBB, nº 11).

5. Haja assistência diocesana através de presbíteros e que se promovam retiros mensais e encontros também com outras equipes pastorais.

### **IV — Propostas aos Bispos e aos superiores**

1. Haja consultas mútuas entre Bispos, Superiores e Religiosos, tanto no

caso de se confiar a estes, na Igreja Particular, cargos e responsabilidade, como nas transferências, (Cf O.C. nº 15).

2. Promovam-se encontros periódicos entre Pastores, Superiores, Presbíteros e Pequenas Comunidades, para mútua informação, comunicação, busca comum, vivência apostólica e relacionamento fraterno.

3. Numa linha de simplicidade se incentivem contactos entre Bispos, Superiores e as Pequenas Comunidades, para uma avaliação das diversas etapas do mútuo desempenho no serviço do Povo de Deus, (Cf O.C., nº 18).

4. Todos (Bispos, presbíteros, Religiosas e leigos) se empenhem no estudo da Vida Religiosa, seu sentido, sua missão na Igreja de hoje, juntamente com o estudo da teologia da Igreja Particular, (Cf. O.C., nº 1).

### **V — Propostas à CRB e à CNBB**

1. Os resultados deste Encontro sejam enviados aos Superiores Maiores, aos Bispos e aos participantes do mesmo encontro para tomada de conhecimento, continuidade da reflexão e sua futura dinamização.

2. Para a continuidade do Encontro, pense-se na possibilidade de outros, em esferas regionais ou inter-regionais e também nacional.

3. Encontros em âmbito nacional sejam realizados em lugares diferentes, consideradas as possibilidades e assegurada a presença da Equipe da CRB Nacional e sua possibilidade financeira.

4. A CRB e a CNBB, à semelhança do que se faz em São Paulo, motivem e esclareçam os Institutos Religiosos, em âmbito regional e nacional, a respeito do engajamento pastoral e manifestem aos religiosos os desejos e as necessidades da Igreja local ou particular.

## VI — Aos teólogos

**As Pequenas Comunidades pediram o aprofundamento dos seguintes pontos:**

1. Repensem a realidade da vida consagrada a partir, não de esquemas já elaborados, mas das experiências da base (Pequenas Comunidades, Institutos Seculares, Virgens Consagradas na Diocese), mas focalizando a Identidade ao SER RELIGIOSO.

2. Até que ponto são as Pequenas Comunidades nova forma de Vida Religiosa? O SER CONSAGRADO é o

mesmo em toda a parte? Não há algo comum em toda forma de Vida Religiosa?

3. Faça-se um estudo sobre a dimensão da Eucaristia, na Vida Religiosa e na Igreja Particular: sua amplitude e sua essencialidade. A presença eucarística é o mesmo que presença sacramental? Viver a presença eucarística é o mesmo que ter o Santíssimo Sacramento em casa?

4. Sendo as Pequenas Comunidades um fato de certo modo novo no seio da Igreja e da Vida Religiosa, refletir a partir das experiências já vivenciadas, sobre as possíveis implicações e conseqüências deste fato, para a Igreja e a Vida Religiosa.

5. Faça-se um estudo do verdadeiro sentido do trabalho profissional e da partilha dos frutos deste trabalho pelos Religiosos. (as).

## CARTA DO CARDEAL ARTURO ARAOZ TABERA, AO PRESIDENTE DA CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

**SACRA CONGREGATIO  
PRO RELIGIOSIS  
ET INSTITUTIS SAECULARIBUS**

Roma, 13 septiembri 1974

Prot. nº AG 194-1/74

Querido P. Marcello,

Cordialmente le agradezco su gentilísima carta del 28 de agosto p.p. y las expresiones de bondad y deferencia para conmigo y para con este Dicasterio. Me ha ganado por la mano, porque esta su carta me llega cuando, ya de regreso a Roma, me disponía a despachar mi correspondencia con Brasil después de mi inolvidable viaje de julio.

Por mi parte, he de renovarle a Ud., a los miembros de la Directiva y a cuantos participaron en la Asamblea mi más vivo agradecimiento por la fraternal acogida que me dispensaron y por la confianza que me demostraron.

Fue para mí un auténtico placer hallarme durante aquellos días tensos y densos em medio de Uds., participar en las interesantes reuniones y actividades de la Asamblea, admirar las múltiples iniciativas de la Conferencia y compartir el interés, las preocupaciones y las esperanzas de Uds. por la vida religiosa en ese grande e querido Brasil. Nuestras conversaciones y encuentros fueron para mí de grandísima utilidad.

Queira el Señor que todos esos esfuerzos y que los sacrificios que las difíciles circunstancias de la Conferencia en los últimos años, ya en vías seguras de solución, han supuesto para Ud., y para sus colaboradores, refluyan abundantemente en provecho de la genuina renovación de la vida religiosa en Brasil, en un testimonio más elocuente de su sentido evangélico ante el pueblo cristiano y en una prometedora floración vocacional para la vida consagrada.

Vengo convencido, y así lo he manifestado repetidas veces, que también en esta vertiente de la vida religiosa y de su apostolado, Brasil está llamado a tener una enorme influencia em toda latino América, y que ello está exigiendo cada vez más un sentido de responsabilidad y una preparación siempre mayor, más profunda y más llena de fidelidad al Evangello y a la Iglesia.

Interpretando el sentir de este Dicasterio, agradezco en su nombre a esa Conferencia la buena voluntad de cooperación en la grave corresponsabilidad que le pertenece por encargo del Santo Padre, a quien me será grato informar en la primera ocasión sobre la experiencia vivida en medio de Uds.

Con mi más atento saludo y sentimientos de aprecio, en unión de oraciones, me reitero

afmo. en el Señor



Reverendo Padre  
P. Marcello de Carvalho Azevedo, SJ  
Presidente de la CRB  
RIO DE JANEIRO

## SEMINÁRIO DE PLANEJAMENTO DE EDUCAÇÃO

De 15 a 27 de abril de 1974, o Departamento de Educação do CELAM realizou mais um Seminário de Planejamento. Vinte e cinco pessoas, de 12 nações latino-americanas estiveram presentes. O Brasil estava representado por: Irmã Mercedes Viana, Belo Horizonte; Irmã Leoni Abdalla, São Paulo; Irmã Helena Ferreira, Rio de Janeiro; Irmã Maria de Lourdes Gascho, Florianópolis; Frei Eugênio Schmidt, Porto Alegre; Irmão Orlando Cunha, Recife. A coordenação ficou a cargo do Pe. Miguel Cabello e do Irmão Joaquim Panini, do DEC.

O objetivo do seminário foi, primeiramente, o planejamento de um Secretariado de Comissão Episcopal Nacional de Educação como um serviço e um instrumento unificador e dinamizador das forças católicas no campo da educação. Em segundo lugar, criar condições para o reconhecimento e a ajuda mútua entre Secretariado e o pessoal técnico de outros secretariados dos países da América Latina com o DEC, Departamento de Educação do CELAM.

Para conseguir estes objetivos partiu-se de um diagnóstico da América Latina dos Secretariados existentes, à

luz do marco doutrinal da missão da Igreja como evangelizadora e promotora de autêntica libertação em sua ação. A segunda parte do Seminário se passou na elaboração de projetos para concretizar operacionalmente as reflexões sobre o marco doutrinal e sobre a premente necessidade educativa na América Latina.

“Quando vos perseguirem numa cidade, fugam os projetos: 1. A necessidade de influir na política educativa nacional. 2. A coordenação e a integração na Pastoral de Conjunto de todas as forças educativas da Igreja em nível nacional. 3. A importância de formar agentes multiplicadores para uma evangelização e autêntica libertação no campo educativo. 4. A necessidade de criar e promover os grupos de reflexão permanente sobre a tarefa educativa da Igreja.

Todos os participantes convivendo em ambiente de alegre cordialidade e solidariedade no trabalho comum, sentiram profundamente sua responsabilidade diante das carências educativas em seus respectivos países, numa linha evangelizadora e autenticamente libertadora para todas as regiões.

## 75 ANOS DE PRESENÇA AGOSTINIANA NO BRASIL

Quatro campos de urgência objetividade, fugi para outra, ” Mt 10, 23, Foi exatamente assim que fizeram os Padres Agostinianos, quando, em 1898, foram perseguidos e expulsos das Ilhas

Filipinas. O último e rico florão da coroa de Castela trocava de dono, emancipando-se da Espanha e hasteando a bandeira norte-americana. Deram-se então a perseguição e a expulsão

dos estrangeiros. Os agostinianos, presentes na civilização e evangelização do país desde o século XVI, viram-se obrigados a deixar o país.

Os bispos latino-americanos, que na oportunidade estavam em Roma, reunidos em Assembléia Geral: Peru, Colômbia, Argentina, Brasil, solicitaram com urgência os sacerdotes missionários. E houve gente para atender a todos. Quando ao Brasil, a 15 de maio de 1899, era assinado um contrato entre o Padre Geral dos Agostinianos, Frei Tomás Rodrigues e, o então bispo de Goiás, Dom Eduardo Duarte da Silva, nestes termos: "O ilustríssimo e reverendíssimo bispo de Goiás, em virtude das faculdades especiais concedidas a ele pela Santa Sé, entrega ao Padre Geral da Ordem Agostiniana, e este aceita, a administração das paróquias de Nossa Senhora Mãe de Deus, de Catalão, e a do Espírito Santo, de Entre Rios".

No dia 26 de maio do mesmo ano, cinco religiosos da Província do Santíssimo Nome de Jesus, das Filipinas, deixaram o porto de Barcelona, rumo ao Rio de Janeiro, onde chegaram a 17 de junho. O mesmo espírito missionário que os levara antes às Ilhas Filipinas, trazia-os agora às terras de Santa Cruz. Após breve estada na então capital da República, rumaram para Goiás, entrando na pequena cidade de Catalão, no dia 3 de julho e tomando posse da Paróquia de Nossa Senhora, dia 6. Assim se deu a entrada dos primeiros agostinianos do Brasil. Estamos, portanto, celebrando os 75 anos de Brasil.

Não era esta a primeira vez que os filhos de Santo Agostinho pisavam solo brasileiro. Nos séculos XVIII e

XIX por aqui andaram nossos co-irmãos da Província Agostiniana de Portugal. Famoso entre todos Frei José de Santa Rita Durão, um dos patriarcas da Literatura Nacional, autor do conhecido poema épico, Caramuru. Meses antes de nós e pelos mesmos motivos aqui chegaram os Agostinianos Recoletos. Hoje somos legião de agostinianos que, pertencentes às várias Congregações com filiação agostiniana, trabalhamos no Brasil: Agostinianos, Agostinianos Recoletos, Cônegos de Santo Agostinho, Agostinianos Descalços, Agostinianos Assuncionistas, Cônegas de Santo Agostinho, Agostinianas Recoletas, Agostinianas Missionárias, Irmãs da Assunção. Continuamos a ser portadores da ardente mensagem do Santo de Hipona, desde as missões da Amazônia até as paróquias ou colégios do Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Vitória, Mato Grosso, Goiás, São Paulo.

Acreditamos mesmo que nunca, como hoje, o mundo precisou tanto da mensagem agostiniana. É a nós, filhos espirituais do grande Doutor, a quem particularmente e por direito cabe transmiti-la. Cientes disso e aproveitando o ensejo destes 75 anos, todas as Congregações Agostinianas se preparam para uma grande assembléia de âmbito nacional, a realizar-se de 14 a 17 de janeiro de 1975.

O que espera o Brasil de nós agostinianos, no dia de hoje? Sem dúvida será esta uma das perguntas que tentaremos responder em nosso Encontro. Segundo São Posídio, amigo e primeiro biógrafo de Santo Agostinho, seu lema teria sido: "Escrever livros e ensinar os ignorantes." E este é exatamente um dos carismas peculiares do agostiniano de todos os tempos: aos

que andam à procura da verdade, aos que se satisfazem com meias-verdades, aos que vivem num mundo de mentiras, estar sempre pronto a dizer-lhes que **o ser é muito mais do que o possuir e que no interior do homem habita a verdade.**

O mundo irrequieto de nossos dias precisa ouvir, para não se desesperar, a palavra reconfortante e tranquiliza-

dora de Santo Agostinho: "Fizeste-nos, Senhor, para ti, e o nosso coração não ficará satisfeito enquanto não descansar em ti." A todos os agostinianos que durante 75 anos dedicaram suas vidas, às vezes, de maneira heróica, ao serviço da Igreja nos mais diversos campos de apostolado em que trabalharam, nossa homenagem. **Pe. Teófilo Viñas, OSA.**

## INSTITUTO TEOLÓGICO SÃO PAULO

O Instituto Teológico São Paulo — ITESP — nasceu da necessidade sentida por diversas Congregações Religiosas de dar uma formação teológica mais acurada aos seus candidatos ao sacerdócio. De outro lado, a dificuldade de se conseguir isso, para cada Congregação isoladamente, tornava-se cada vez maior, tanto pelo pequeno número de alunos como pela carência de professores. Depois de diversos contatos, que se iniciaram em 1971, tanto em nível de provinciais, como dos responsáveis imediatos pela formação da Congregação do Santíssimo Redentor, da Congregação dos

Missionários de São Carlos e da Congregação do Verbo Divino, foi assinado um termo de compromisso, a título experimental, válido por um ano.

Findo este prazo, tendo em vista a validade da experiência, foi renovado por mais três anos. Terminado este tempo, poderá ser renovado por outro período da mesma duração ou por um prazo maior, de acordo com as conveniências. Em 1974, o Instituto tinha 95 teólogos frequentando os vários cursos. São estudantes de teologia de 17 Congregações diferentes.

## ASSEMBLÉIA DA CRB — FORTALEZA, CEARÁ

Os Superiores Maiores, seus Delegados ou Representantes, os Delegados dos Núcleos, da Regional da CRB de Fortaleza, que inclui ainda o Piauí, reuniram-se nos dias 9, 10 e 11 de setembro, no Convento de Nossa Senhora do Cenáculo, à Avenida Bezerra de Meneses, Fortaleza, Ceará, para a Assembléia Anual. Estavam presentes 56 participantes, que foram distribuídos

em sete equipes de estudos. Apenas dez eram religiosos sacerdotes. Nenhum irmão estava presente. Participaram ativamente da Assembléia, como convidados, D. Aloísio Lorscheider, Arcebispo de Fortaleza e Presidente da CNBB; Dom Geraldo Milleville, Vigário Geral para as Religiosas; Dom Edmilson Cruz, Bispo Auxiliar. Representava a CRB-Nacional, um de seus Diretores,

o Padre Faliero Bonci. Vinte e nove congregações diferentes estavam ali representadas.

A Assembléia se ocupou na sua parte de reflexão, com os temas já apresentados na Assembléia Nacional de julho de 1974. Foram seus explicitadores: Frei Hugo Baggio, OFM, do Rio de Janeiro, para os temas: Obstáculos para uma autêntica experiência de Deus; e a Irmã Maria Aparecida Guimarães, Geral das Missionárias de Jesus Crucificado, para o tema: Aspectos renovados da Vida Religiosa.

### Proposições aprovadas

Os temas estudados pelas equipes, foram bem detalhados em seus pontos ou aspectos que favorecem e seus aspectos que dificultam. De treze proposições e sugestões encaminhadas à Assembléia, sete foram aprovadas.

**Primeira:** Que a CRB local, dentro de seus objetivos próprios, volte prioritariamente suas vistas para a formação do religioso em todos os seus níveis. **Segunda:** Por considerações de pobreza e de economia, a CRB procure transferir sua sede para um local, sem compromisso financeiro, de preferência cedido por uma instituição religiosa. **Terceira:** A Diretoria faça um elenco informativo do pessoal técnico para assessoria no campo da Educação, Saúde, Pastoral, Formação, Ora-

ção, que possa ser oportunamente convidado pelas comunidades. **Quarta:** Que o Grupo de Reflexão Teológica e de Pastoral Vocacional façam sentir sua influência junto às comunidades. **Quinta:** Que os Núcleos diocesanos e as foranias enviem para a Diretoria da CRB suas experiências, a fim de que as riquezas de uns contribuam para um trabalho mais eficiente em toda a Regional. **Sexta:** Que a CRB dê maior assistência aos núcleos diocesanos, proporcionando também reuniões periódicas dos coordenadores destes núcleos. **Sétima:** Examinar a possibilidade de um entendimento entre a CRB, a AEC e a CNBB para oferecer reuniões aos educadores.

### Nova Diretoria

No dia 11, às 10,30 hs realizou-se a eleição para a nova Diretoria para o triênio 1975/1977. Trinta e oito vogais, entre Superiores Maiores sediados ou não na Região, delegados dos núcleos diocesanos e membros da Diretoria Regional cessante elegeram esta Diretoria: Presidente: Pe. José Harahan, CSSR; Frei Adalberto Paulo da Silva, OFM Cap; Irmã Lucilla Maia Mendonça, Nossa Senhora do Cenáculo; Irmã Inês de Barros Lima, FC; Irmã Ieda Magalhães, Dorotéia. Cumprimos os eleitos desejando-lhes muito êxito para o bem da Igreja e da vida religiosa.

## ASSEMBLÉIA DA CRB-SALVADOR, BAHIA

Nos dias 4 e 5 de setembro realizou-se a Assembléia Anual e, desta vez, eletiva, da Regional da CRB-Salvador, Bahia, que abrange também o Estado de Sergipe. Estavam partici-

pando 61 pessoas entre Superiores Gerais, Coordenadoras e Coordenadores em nível Regional, Superiores Maiores ou seus Representantes, Representantes dos Núcleos e Delegados.

Destes participantes, 46 eram religiosas e 15 religiosos, pertencentes a 39 Congregações que trabalham na Regional.

Toda presente ainda, a Diretoria Regional: Dom Timóteo A. Anastácio, Presidente. Irmã Yolanda Bittencourt, 1ª Vice-Presidente. Frei Bruno Rossi, 2.º Vice-Presidente. Pe. Tarcísio Borturi, Conselheiro; como ainda a Secretária Executiva, Irmã Maria do Carmo Martins e sua auxiliar, Irmã Maria de Lourdes. Presidiu a Assembléia o Pe. Fábio Bertoli, SJ. Onze núcleos estavam representados. Faltou apenas a representação de sete.

### Perguntas e Respostas

A Assembléia procurou aprofundar os temas apresentados na Assembléia Nacional, com exposições feitas pelo Pe. Tomás Cavazzutti, por D. Timóteo A. Anastácio, pela Irmã Maria do Carmo Martins. A dinâmica seguida foi: exposição do tema, círculos de estudos, plenário após os círculos. Para encaminhamento prático foram propostas algumas perguntas iniciais:

**Primeira:** O que favorece uma autêntica experiência de Deus?

**Segunda:** Como se relacionam a experiência de Deus e a libertação na vida comunitária e no trabalho apostólico?

**Terceira:** Quais as imagens de Deus que constituem um obstáculo a uma autêntica experiência de Deus? Imagem abstrata, descarnada da realidade. Um Deus estático. Um Deus desligado da vida.

**Quarta:** O desenvolvimento da consciência crítica nos religiosos implica na criação de novas formas de vida religiosa, na reformulação das obras e na modificação da formação?

**Quinta:** Que conseqüências há para a vida religiosa, se se exerce a consciência crítica por parte dos religiosos? Desinstalação. Dinâmica em nossa marcha para Deus. Busca de valores autênticos. Respeito e valorização dos carismas da pessoa humana. Morte do eu para crescimento da comunidade. Discernimento do bem e do mal e coragem para empreender o melhor.

**Sexta:** Como ajudar os religiosos e as religiosas a uma autêntica experiência de Deus? Formação adaptada. Forte vivência comunitária em clima de oração. Conhecimento das diferenças pessoais. Participação e corresponsabilidade de todos nos problemas comunitários. Volta sincera ao Evangelho.

**Sétima:** Que lugar damos à experiência pessoal de Deus e ao relacionamento de caridade com as pessoas na vida prática?

A Assembléia apresentou à Diretoria eleita uma série de sugestões para a intensificação das finalidades da CRB: promover, animar e coordenar a vida religiosa nas comunidades da Regional. Ficou assim constituída a nova Diretoria para o triênio na Regional da CRB-Salvador: Presidente: Pe. Fábio Bertoli, SJ. Vice-Presidentes: Frei Antônio Carlos Cajueiro, OFM — e Irmã Yolanda Bittencourt. Conselheiros: Pe. Tomás Cavazzutti, SJ e Irmã Waldelice Martins da Silva. Nossos votos de uma frutuosa atividade em benefício da vida religiosa local.

# A VIDA RELIGIOSA À LUZ DO MISTÉRIO DA GRAÇA

PE. ALVARO BARREIRO, SJ

## I. Necessidade de uma fundamentação teológica da Vida Religiosa

Sem generalizar nem simplificar excessivamente pode-se afirmar que a Vida Religiosa vive e sofre ainda hoje, embora menos agudamente que na segunda metade da década de 60, a prova da insegurança. Não se trata de um fenômeno próprio e exclusivo da Vida Religiosa mas de uma expressão particular da crise espiritual que está atravessando o mundo atual. Como todas as outras grandezas históricas, a Igreja e a Vida Religiosa como instituição eclesial são inevitavelmente sacudidas quando a história entra em crise.

A Vida Religiosa não poderá encontrar mais a sua segurança na mera observância exata das regras e na fidelidade exterior às tradições recebidas do passado. Pensar que a solução para a atual crise deve ser buscada na linha da restauração de uma nova cristandade ou de um cristianismo de **ghetto** onde a Vida Religiosa se sinta de novo tranqüila e feliz distanciada do mundo real e conflitivo dos homens é uma ilusão das mais funestas. Num mundo em processo crescente de secularização e cada vez mais pluralista a Vida Religiosa não poderá ser mais protegida por muros e clausuras. Se não for apta para viver na intempérie de um mundo que não é mais sociologica-

mente cristão, sucumbirá. Só poderá reencontrar o grau de segurança indispensável para viver generosamente a entrega radical a Deus no seguimento de Cristo indo até às raízes da vocação que a constitui originariamente. Quando tradições e estruturas herdadas dos séculos passados desabam em poucos anos ou são abaladas até os alicerces, é absolutamente necessário chegar a uma fundamentação teológica da Vida Religiosa que seja capaz de resistir às marés da contestação, do desânimo e da escuridão.

A análise crítica da Vida Religiosa não se reduz a alguns aspectos externos ou às estruturas. Questiona-se sua significação na Igreja e no mundo, sua mesma essência, a justificação de sua existência. A crise que está atravessando a Vida Religiosa é algo muito mais sério que uma doença passageira. As dúvidas e a insegurança se aninham no seu próprio coração. A Vida Religiosa pode morrer de infarte se o que constitui o seu coração mesmo se enfraquecer até o ponto de ser incapaz de vivificar com sangue sempre novo um organismo que, falto de vigor vital, se torna cada vez mais velho e esclerosado (1). Todo aquele que quiser viver de modo radical e responsável uma vida consagrada ao serviço de Deus e dos homens no mundo de hoje terá que chegar, pela oração e pela reflexão, até o subsolo da própria existência cristã e da vocação particular a que foi chamado. Para que a Vida religiosa não desapareça por anemia de sentido é necessário aprofundar até suas raízes evangélicas. Somente o enraizamento da Vida Religiosa no

húmus do Evangelho da graça poderá vivificá-la por dentro e fazê-la crescer, florescer e frutificar como sinal da graça de Deus no meio da Igreja e do mundo.

O mistério da Vida Religiosa é, efetivamente em última instância, uma expressão do mistério da graça. Por isso, um dos caminhos para fundamentá-la teologicamente é refletir sobre sua natureza à luz do mistério da graça, a qual é, segundo E. Brunner, "a noção central do conhecimento bíblico e cristão de Deus".

## II. Mistério da graça e existência cristã

A graça é, na sua essência teológica última, o amor de Deus que se autocomunica ao homem de modo absolutamente gratuito (amor-ágape) e o efeito que produz no homem esse amor criador e transformador, fiel e misericordioso de Deus. No plano da salvação historicamente existente é tudo graça: a autodoação de Deus e a capacidade do homem de acolhê-la. As riquezas ilimitadas do amor absolutamente gratuito de Deus manifestam-se concretamente na história da salvação. Graça no Antigo Testamento significa ao mesmo tempo complacência e benevolência gratuita, cuidado e ternura, fidelidade a toda prova, misericórdia inesgotável.

No Novo Testamento significa fundamentalmente esta mesma realidade do amor fiel, misericordioso e salvador de Deus. A afirmação de Êx 34,6: "Yahvé, Deus de ternura e de graça, lento para a cólera e rico em misericórdia e fidelidade"

coincide, em seu conteúdo, com a afirmação da primeira carta de João: "Deus é amor" (1 Jo 4, 8.16). A novidade do conceito de graça no Novo Testamento está em que o amor salvador e absolutamente gratuito de Deus chega ao seu grau máximo de expressão e visibilidade em Jesus Cristo e nele é oferecido a todos os homens de modo definitivo e irreversível, total e insuperável. O Mistério que Paulo anuncia é o mistério da graça salvífica de Deus escondido desde toda a eternidade e agora revelado em Jesus Cristo (cfr. Rom 16,25-27; Ef 1, 3-14; 3, 7-12; Col 1, 25-29; 2, 2-3).

Toda existência humana é radicalmente uma **existência agraciada** porque é toda ela dom da graça, isto é, do amor absolutamente gratuito de Deus. O mistério do homem está enraizado no mistério do amor de Deus e só se revela, por conseguinte, à sua luz. O fundo do mistério do homem é o mistério do amor de Deus. Na profundidade última do seu ser o homem é criação-vocação do amor totalmente livre de Deus. Mesmo a sua resposta livre ao apelo do amor de Deus é possibilitada pelo dom prévio desse amor. A primeira carta de João expressa de maneira plena este mistério do homem que supera infinitamente o homem:

"Nós amamos a Deus porque Ele nos amou primeiro" (4,19). "Deus é amor, e quem está no amor está em Deus e Deus está nele" (4,16). "Aquele que não ama não conhece a Deus por que Deus é amor" (4,8) (2).

Visto desde esta profundidade dinâmica do seu mistério, o homem é radicalmente vocação da graça e fruto da graça. A sua essência é ser uma "ek-sistência" agraciada. 2

Sendo por criação-vocação tendência insaciável para Deus, o homem se realiza na medida em que se abre ao amor de Deus, deixando que Ele disponha totalmente de sua vida. Será tanto mais radicalmente ele mesmo quanto mais livre e amorosamente deixar que Deus seja o norte de sua vida, a pátria do seu coração; quanto mais profundamente se deixar penetrar por essa plenitude da verdade e do amor que ele necessariamente busca, mesmo sem o saber. Só uma atitude de ilimitada confiança no amor misteriosamente luminoso de Deus ancora o homem no centro insondável do seu mistério: na plenitude de verdade, de amor, de sentido e de realidade que é Deus. Só uma entrega incondicional a Deus, para que Ele seja realmente o Deus de seus dias e de sua eternidade, salva a vida do homem da insegurança radical, do desespero, do absurdo.

Com outras palavras: o homem só pode ganhar sua vida perdendo-a (cfr Lc 9, 24-25; 17, 33; Mt 10,39; Mc 8, 35; Jo 12, 25); é saindo de si, entregando-se a Deus por um amor "ek-stático" que o homem sacia sua sede ilimitada de amor. O coração do homem, constitutivamente sequioso de verdade e de amor, só pode repousar na entrega sem limites ao Amor para o qual foi criado. Santo Agostinho experimentou e expressou de forma lapidar este mistério do homem: "Fi-

zeste-nos, Senhor, para Ti, e o nosso coração está inquieto até que descanse em Ti”.

### III. A Vida Religiosa como expressão “carismática” do mistério da graça.

A Vida Religiosa está inserida no coração deste mistério da graça criadora e santificadora de Deus. “Os conselhos evangélicos de castidade consagrada a Deus, de pobreza e de obediência — afirma o Concílio Vaticano II, — fundados nas palavras e exemplos do Senhor e recomendados pelos Apóstolos e Padres e pelos doutores e pastores da Igreja, são um dom divino que a Igreja recebeu do seu Senhor e que com a graça d’Ele sempre conserva” (LG 43,1). Fundamentalmente a Vida Religiosa é “a entrega total a Deus sumamente amado” (LG 44,1). Esta entrega tem uma dimensão eclesial que se expressa na profissão dos votos acolhida pela autoridade da Igreja e pela qual o religioso se compromete **publicamente**, diante da comunidade eclesial, a viver em fraternidade, no meio da Igreja e do mundo, o primado do amor e do serviço a Deus e aos irmãos.

A “profissão” da prática dos conselhos evangélicos é uma expressão pública do que constitui o coração da existência cristã: o primado da caridade (LG, 42,1). É uma forma particular de viver a primazia do amor de Deus em Cristo Jesus, o mistério da comunhão com Deus numa comunidade de irmãos, no seio da “comunhão dos santos”. Dito de outro modo: a Vida Reli-

giosa, como vida desde a graça e para a graça, como existência agraciada, é um lugar e um sinal, no meio da Igreja e do mundo, do mistério da graça.

Como afirma expressamente o Concílio Vaticano II, a Vida Religiosa não pertence à dimensão hierárquica da Igreja (LG 44,4) mas à sua dimensão carismática. Os carismas surgem na Igreja, suscitados pela força do Espírito Santo, como dons particulares dados a indivíduos ou grupos para a edificação de toda a Igreja. A Vida Religiosa é um carisma porque é um modo peculiar de viver a existência cristã em resposta a um apelo peculiar da graça. Aquele que é chamado à Vida Religiosa sente o apelo do amor de Deus para o amor de Deus de forma tão pessoal e tão intensa que vê o sentido último de sua vida em entregá-la totalmente ao amor e ao serviço de Deus.

A vocação religiosa consiste essencialmente em sentir o apelo de Deus para a entrega total e definitiva a Ele como sendo a única opção existencialmente verdadeira, como o “único necessário” para a pessoa que a experimenta. É, por conseguinte, uma experiência carismática porque é uma experiência da graça (**charis**). A Vida Religiosa está, portanto, inserida no mistério da graça não só pela sua dimensão eclesial, mas também pelo caráter carismático da vocação pessoal que a constitui na sua origem (3).

Como se manifesta mais particularmente na prática dos conselhos evangélicos de pobreza, casti-

dade e obediência o mistério da graça? O religioso experimenta cotidianamente como todos os cristãos sua fragilidade. É tentado como todos os homens pelo desejo de possuir e acumular para si; pela ambição de poder e de domínio sobre os outros; pela busca de um amor egoisticamente possessivo e fechado. Contudo, porque crê no poder da graça cujo chamado pessoal experimentou, porque crê que ela é sem arrependimento, ousa consagrar-se a Deus na forma dos três votos recebidos pela Igreja.

Os votos não são, por conseguinte, obrigações morais exteriores nem, diretamente, uma renúncia a valores humanos enquanto tais. São positivamente a expressão pública da entrega total ao amor absoluto de Deus. A consagração religiosa é um ofertório permanente e definitivo a Deus mantido pela força da sua graça, um ato existencial de adoração coextensivo a toda a vida; é um holocausto da própria vida, até as pulsões mais profundas da pessoa, em aras do amor absoluto de Deus professado como absoluto da própria vida. O religioso consciente da vocação a que foi chamado é um cristão que, plenamente consciente de sua fragilidade mas "sabendo em quem depositou de uma vez para sempre a sua confiança" (2 Tim 1,12), faz profissão de viver a entrega ao amor de Deus com a radicalidade expressa pelo Pe. L. França:

"Com o Absoluto não se regateia. Quem não deu tudo, não deu nada. Todo sacrifício tem que ser holocausto".

A Vida Religiosa é designada tradicionalmente como "Vida Evangélica" e como "Sequella Christi". Vejamos brevemente de que modo se manifesta nestas duas categorias o mistério da Vida Religiosa como mistério da graça.

Deus manifestou e deu a sua graça aos homens em Jesus Cristo (Jo 1, 14-17). Toda graça é graça crística. Não há existência agraciada a não ser em Jesus Cristo. Como **vida evangélica no seguimento de Cristo**, a Vida Religiosa procura ser o que foi a vida de Cristo: uma vida total e inseparavelmente voltada para Deus e para os homens. Jesus expressou o mistério de toda sua vida como sendo uma entrega total ao amor e serviço de Deus e dos homens (cf. Mc 10,45; Mt 20, 28). Na noite antes de mostrar o seu amor extremo, até o extremo insuperável da entrega, absolutamente livre, à morte de cruz (Jo 13,1; Fil 2,8), Jesus definiu o mistério de sua pessoa como ser-para (Mt 26,28; Mc 14,24; Lc 22,19-20; 1 Cor 11,24).

O seguimento de Cristo que o religioso professa publicamente significa, por conseguinte, ter como objetivo da própria vida configurá-la segundo o exemplo de Cristo: viver uma vida de confiança sem limites no amor do Pai, de submissão e entrega total à vontade do Pai, de amor e serviço igualmente sem limites a todos os homens. É isto em todos os momentos da vida, nos momentos de plenitude e nos momentos de vazio, nas horas estelares e nas horas de cinzenta monotonia. Um amor assim, incondicio-

nal e total a Deus e aos homens até à morte só é possível pela força da graça de Deus.

A vocação para o seguimento incondicional de Cristo na Vida Religiosa é absolutamente gratuita (Mc 3,13; Mt 19, 10-12-21), é pura graça. A aceitação da vocação para viver uma vida evangélica em fraternidade, para deixar tudo e entregar-se totalmente ao serviço de Jesus Cristo amado por cima de tudo, para "estar com Ele" e "para ser enviado" (Mc 3,14) só é possível para quem crê que Jesus Cristo, é a encarnação da graça de Deus no mundo (Jo 3,16; Tit 3, 4-7), o sacramento do amor misericordioso e salvador de Deus para com os homens, o coração do mundo. Também esta fé é puro dom, pura graça. Quanto mais consciente for o religioso do dom que recebeu tanto mais intensamente experimentará a verdade libertadora expressa por Paulo em 2 Cor 4,7: "Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós".

A Boa Nova da salvação anunciada por Jesus é unitariamente apelo à fé e à conversão. O Evangelho da graça só se torna realidade na vida dos homens que o aceitam por uma **metanoia** permanente que só é possível pela graça. Para viver a vida evangélica com a radicalidade a que se comprometeu, o religioso tem que viver continuamente essa conversão que é dom da graça. O Evangelho da justificação que Paulo anuncia a judeus e gentios é libertação do pecado pelo amor absolutamente gratuito e santificador de

Deus, não é obra do homem (Rom capítulos 3 e 4; 5, 8 comparado com 1 Jo 4,10; 9, 30-32; 10,2-4; Gál 2,16; 3, 10-12).

#### **IV. A Vida Religiosa como testemunho e "kairós" da presença e do poder da graça**

Teologicamente falando o religioso é um carismático que experimenta o apelo da graça em sua vida e responde a esse apelo numa opção que compromete toda a sua existência. A entrega professada publicamente a esse Deus de graça como fim e sentido último da própria existência tem uma importância particular para despertar ou confirmar a fé dos homens de hoje. Vamos fazer, para terminar, algumas considerações sobre este ponto.

O homem bíblico, como o homem antigo e o homem medieval, era naturalmente religioso. Não punha em dúvida a existência de Deus nem a realidade de sua presença em sua vida e no curso dos acontecimentos do mundo. Desde o início dos chamados tempos modernos o que vai se tornando cada vez mais natural na consciência do homem ocidental é a ausência de Deus e o silêncio de Deus (4). O cristão não pode fugir do mundo em que vive, está necessariamente marcado pelo espírito de sua época. Na medida em que a morte de Deus se torna uma realidade existencial num número cada vez maior de homens, ela penetra também, de modo mais ou menos intenso, na consciência do homem crente.

O processo de secularização é um fato inegável e tudo leva a crer que irreversível. Apesar dos danos, muitos deles já irreparáveis, que o homem causou à natureza, ele continuará exercendo o seu domínio crescente sobre ela, através da ciência e da técnica, para o bem e para o mal. O mundo torna-se assim, pela ação do homem, cada vez mais mundano. Há lugar para a Vida Religiosa num mundo progressivamente dessacralizado? Num mundo que não mais é visto espontaneamente como criação de Deus mas como objeto da dominação do homem? Num mundo em que os "vestigia Dei" são apagados pelos "vestigia hominis"?

Justamente num mundo que assiste, entre orgulhoso e angustiado, ao ocaso dos deuses, a vida de homens e mulheres consagrados ao absoluto do amor de Deus é um testemunho, luminoso para uns, escandaloso para outros, do Deus que não conhece ocaso. A vida de homens e mulheres que, lucidamente inseridos no coração do mundo e partilhando das angústias e esperanças dos homens, se entregam a Deus como o sentido último e total de suas vidas, que fazem da realidade do amor de Deus o eixo de suas existências e de seu serviço aos homens, que se abrem a Deus como o Mistério que acolhe e salva o homem, como o futuro absoluto da sua esperança e da esperança de todos os homens; o mero fato da existência de fraternidades religiosas de homens e mulheres com esta fé, com esta esperança, com este amor, é um sinal, um testemunho público da realidade da graça de

Deus presente e atuante no coração do mundo através de sua presença e ação no coração dos homens.

É um testemunho vivo de que a graça de Deus é mais forte que os poderes da ambição, do egoísmo e da opressão. As fraternidades religiosas serão este sinal luminoso da presença atuante da graça de Deus no mundo na medida em que se tornar visível, na debilidade de suas vidas consagradas a Deus, o "poder de Deus e a sabedoria de Deus" (1 Cor 1, 17-31). Talvez hoje para muitos homens o caminho mais curto para chegar a Deus, a prova mais convincente de sua existência, seja o testemunho de fraternidades religiosas que vivem a experiência de Deus e o serviço aos homens em pleno coração do mundo. Na adoração obediente ao mistério de Deus que é um mistério de amor, os religiosos são no meio dos homens um sinal de que o homem é essencialmente religioso, isto é, religado ao mistério de Deus.

Seja qual for concretamente a eficácia missionária e apostólica do seu testemunho pessoal e comunitário, o religioso que tenha meditado a fundo o mistério de sua vocação sabe que sua vida está enraizada no coração mesmo do mistério da graça. Em última análise, isto lhe basta. As incertezas e provas por que está passando a Vida Religiosa deveriam levar os religiosos a radicar cada vez mais profundamente sua existência neste mistério de amor e fidelidade de Deus e não nos meios aparentemente fortes das instituições ou do prestígio. A situação em que se encontra atual-

mente a Vida Religiosa pode ser vista, nesta perspectiva, como um **kairós** da graça que conduz, pelos caminhos sempre novos e muitas vezes imprevisíveis de um amor sempre fiel, até sua profundidade original. Cada vez mais a Vida Religiosa terá que ser vivida na consciência experimentada e assumida de que o único lugar em que ela pode encontrar segurança é na graça absolutamente gratuita de Deus

que é amor misericordioso e fiel. Vistas à luz do Evangelho, as circunstâncias atuais forçam, por assim dizer, a Vida Religiosa a ser mais radicalmente evangélica, sob pena de simplesmente deixar de ser. A Vida Religiosa encontra-se hoje (não pela primeira vez, mas sim de forma inédita) num momento privilegiado para viver o paradoxo evangélico da graça que é força de Deus na fraqueza humana.

## NOTAS

1. Obviamente esta afirmação não se refere à Vida Religiosa como forma carismática de viver o Evangelho na Igreja. Neste sentido amplo e fundamental ela é, nas palavras do Concílio Vaticano II, "um dom divino que a Igreja recebeu do seu Senhor e com a graça dele sempre conserva" (LG 43, 1). A afirmação refere-se às formas concretas da Vida Religiosa institucionalizadas pela Igreja ao longo da história. Sobre esta questão ver HOSTIE, R., *Vie et mort des Ordres Religieux. Approches psychosociologiques*, DDB, Paris 1972.

2. A essência do homem é ser-de-Deus e ser-para-Deus. Ele pode rea-

lizar sua vocação de comunhão com Deus porque Deus o amou primeiro (1 Jo 1, 3).

3. Pela sua mesma natureza, a experiência pessoal da vocação não é adequadamente redutível a conceitos racionais, a razões de ordem lógica. Hoje é particularmente importante insistir neste aspecto central da vocação religiosa como experiência do apelo pessoal-carismático e da resposta também pessoal-carismática a esse apelo que só aquele que a experimenta pode, em última análise, justificar.

4. MESTERS, C., *Onde está o nosso Deus?*, Grande Sinal 24 (1970), páginas 5-19. KLOPPENBOURG, B., *O mistério do silêncio de Deus*, ibidem, páginas 109-120.

# OS SACRAMENTAIS E A VIDA RELIGIOSA

---

**FR. FERNANDO A. FIGUEIREDO, OFM**

---

No estudo dos diversos rituais, constata-se que os sacramentais eliminados em certa época retornam em outra, ao lado de alguns que antes não tinham sido considerados como tais (1). A história da Liturgia, outrossim, reflete uma grande estima pelo sacramentais, analisando-os em uma secção própria da história da Igreja. Na Igreja antiga, por exemplo, abençoava-se, durante a celebração eucarística, óleo para os doentes, pão e água e os próprios fiéis. O contato com o mundo germânico integra novos elementos, o que já se verificara com a evangelização da Espanha e da Gália. Todas estas transformações nos conduzem à leitura dos sacramentais não em uma dimensão meramente ritualista, mas enquanto são sinais de uma vivência mais radical do cristão no seu relacionamento com o mundo e neste mundo consigo mesmo no encontro com Deus.

## **1. O homem e as realidades terrestres**

Verifica-se hoje uma grande mudança na compreensão do mundo e na relação que os cristãos tem para com ele. Em vez de um mundo cheio de mistérios, acentua-se um mundo compreensível e dominado pelo homem, o que leva os teólogos a descrever com sempre novas facetas: o compromisso divino do homem em relação às realidades terrestres. Todavia, o modo mesmo como intitulamos este parágrafo: o homem e o mundo, parece apresentar como pressuposto que o mundo esteja sob o domínio do homem. O homem estaria como que situado fora do mundo ou diante dele para dominá-lo. Este modo de ser é poder de dominação do homem, é posse, o que justamente dá origem a nossa civilização fundada no poder,

na riqueza, isto é, na produção. A realidade terrestre se sente, poder-se-ia dizer, diante de uma agressão, diante de uma interpelação produtiva. Ela então se retrai naquilo que lhe é essencial e não se revela no que é. Neste retrair-se, esconde-se o que de mais importante ela tem.

A partir desta perspectiva, o homem define toda a realidade em função de sua utilidade, ou seja, enquanto ele encontra uma resposta ao "por que" e "para que" de cada coisa. Só o que é útil tem sentido para ele e é o conjunto destas respostas, consideradas em sua totalidade, que ele julga ser o mundo. No entanto, não se defronta o homem no dia-a-dia com o "desconhecido" a impregnar toda a sua vida? Este desconhecido o envolve sem que ele perceba o seu "por que" e "para que". Ele se debruça sobre aquilo que o rodeia. É interpelado, provocado e constata que em tudo algo se verifica sem que ele encontre uma resposta adequada.

"A própria rosa, escreve Silesius, é sem porquê, floresce ao florescer". O homem começa a se sentir não mais diante do mundo, mas ele está nele e nele se encontra o mundo de modo que o destino deste se liga intimamente ao do próprio homem. Mais ainda. O homem se sente como o ser saindo do escondido e passando continuamente à existência e então se apercebe de que é na medida em que se vai esvaziando do poder de dominação, da agressão que ele faz à realidade que o rodeia que esta se manifesta naquilo que ela é e que ele se encontra em seu autêntico "eu".

## **2. A Igreja, sacramento universal de salvação**

O cristão é aquele que sente eclodir em sua vida, como fonte de um renascer constante, a manifestação de Deus na criação: é o desvelar da gratuidade de seu mistério. Por ser mistério ele jamais pode apreendê-lo totalmente, mas no "desconhecido" de cada coisa ele contempla a sua ação criadora em um maravilhar-se sempre renovado. Ele assume o mundo sabendo que aí se instalaram, por causa do pecado, a desordem e a injustiça, mas sobretudo porque este mesmo mundo é objeto da misericórdia divina a convidar cada um a fazê-lo realmente mundo reconduzindo-o a sua verdadeira dimensão: que ele seja reconhecido no homem sempre mais como criação, instalando-se em sua original orientação para o Criador e assim através do homem seja ele santificado.

A Igreja é justamente o sinal histórico desta ação de salvação e de unidade em relação ao mundo. Ela manifesta na fé e na pregação a palavra reveladora de Deus: Palavra escatologicamente irreversível, última e definitiva, pronunciada por Deus em seu Filho, Jesus Cristo. A palavra do evangelho, fundada na graça eficaz da parte de Deus e não dependendo simplesmente da boa vontade do homem, é dirigida ao mundo, considerado em seu conjunto, predestinando-o à condenação ou salvação. A palavra de salvação presente na Igreja que crê e anuncia é palavra vitoriosa da promessa de Deus dirigida ao mundo, de modo tal que ela se realize lá

mesmo onde o homem crê ainda que, no tempo de sua vida, não seja introduzido pelo batismo na comunidade visível da Igreja.

Como Cristo é o vértice escatológico da ação salvífica de Deus na História da salvação, a Igreja é o sacramento da salvação do mundo. Ela indica e apresenta, como escatologicamente vitoriosa no mundo, a graça nele presente de modo definitivo e que o atrai irresistivelmente à realização perfeita no Reino de Deus. Esta ação da Igreja se revela eficaz, não porque force a vontade de Deus a operar algo antes não previsto, mas porque é ela que manifesta esta vontade de graça, inserindo-a de modo irreversível na história dos homens.

Os sacramentos foram instituídos por Cristo enquanto eles manifestam esta vontade de graça escatologicamente vitoriosa na Igreja. Esta deriva do Cristo como sacramento universal de salvação, no qual se radicam os sete sacramentos, sinais da atuação de sua essência como sacramento fundamental.

Na sua função santificadora e de reconduzir o mundo à unidade, a Igreja pode solicitar de Deus o conferimento de graças, constituindo o que denominamos "os sacramentais". Eles estão fundados na realidade da Igreja enquanto ela crê e prega a palavra reveladora de Deus, que incide profundamente na vida e no ser do mundo criado. Os sacramentais se referem a **ações**, como bênçãos, consagrações e exorcismos; e as **coisas** bentas, consagradas e exorcizadas, não para separá-las do

"profano" e colocá-las em uma outra ordem, mas reconduzir a realidade à diafania de si mesma, para mais profundamente penetrarem no profano, a fim de instaurar o mundo como ato global da criação.

### 3. Os sacramentos na História da Salvação

Os sacramentais nos apontam o fato da criação, não da criação colocada em um início cronológico distante, mas da criação contínua de Deus. Todavia, tais sinais são ambíguos, pois ao mesmo tempo que evocam a ação salvífica de Deus preparando o homem à recepção dos sacramentos e conduzindo-o à salvação, eles falam também da descreação, pois atestam constantemente a condição atual do homem como mau, na desordem do sofrimento e da morte: o distanciamento do homem e nele do mundo de seu Criador.

Daí o fato de compreender porque os sacramentos se desenvolvem no sentido de uma História de Salvação, não só para evocá-la de maneira extrínseca, mas para ser o sinal de sua efetivação na história dos homens. O processo mesmo do surgimento dos sacramentais, variáveis segundo as épocas e lugares, revela a vocação do homem que na e pela Igreja dirige-se a Deus, e assim retoma a sua história e a organiza e a ordena a partir de uma Aliança, de uma Eleição que vão ser uma espécie de réplica a esta destruição.

Os sacramentos indicam pois um ato liberador. Este seria pensado co-

mo uma nova criação, como um recomeçar. Verifica-se uma espécie de contaminação entre o começo e este recomeçar, tema essencial à História da Salvação. Os sacramentais convocam o homem à sua liberação, sabendo que esta é a própria liberação de toda realidade. Ela só existe quando o homem se libera. Liberando-se, ele libera tudo o mais.

Os sacramentais inserem-se na História da Salvação como instrumentos ou meios de explicitação do plano da Providência ordinária de Deus. O sentido deles não reside em um poder mágico ou numa força supersticiosa, mas em serem sinais deste começo. Uma vez que alguma coisa começa, a significação profunda daquilo que começa é também de ser alguma coisa que recomeça, isto é, todo começo neste mundo é o começo de um mundo. Cada sacramental é um convite ao cristão para refletir e vivenciar este começo de um mundo novo inaugurado pela ação salvífica e transfiguradora do Cristo, cuja manifestação fundamental é a Igreja.

Somos preparados à recepção dos sacramentos e levados a vivenciar de modo mais radical o sacramento universal de salvação, a Igreja, no momento em que nós pelos sacramentos começamos a compreender a criação pela re-criação. O poder figurativo, imaginativo e exemplarista e toda afetividade colocada na prática dos sacramentais se dirige à nova criação. Esta é a expressão do mais íntimo desejo de regeneração que encontramos entre os homens, o que é assinalado pela diversidade de sacramentais segundo os diversos

povos. Eles exprimem o modo de cada povo conceber o mundo e manifestar a possibilidade de re-criação e de regeneração, conferindo aos sacramentais força emocional e representativa. São assim sinais manifestativos desta vontade própria ao homem de renovação e de regeneração e que se realiza de modo eficaz nos sacramentos.

Por conseguinte, coloca-se o acento na novidade da criação de preferência à antiguidade, de modo tal que estes se transformem em sinal de expectativa, quer seja de cura, de purificação, de liberação... Mas ao tomar "coisas" existentes para abençoar, consagrar ou exorcizar, exprime-se a necessidade de assumir a criação tal como se nos apresenta, isto é, na sua dimensão de natureza decaída, para indicar sua restauração futura com início no presente. É neste modo de viver a criação como re-criação que se insinua o histórico nos sacramentais.

#### **4. Dimensão bíblica dos sacramentais**

A compreensão da vida do cristão funda-se em que todo seu ser recebeu uma nova dimensão com a vinda do Cristo. Em sua humanidade sensível, Cristo manifesta o Deus invisível; a presença do Cristo é a presença de Deus. E é através da ação mediadora do Cristo que Deus santifica o homem e nele o mundo material, reconduzindo-o à perfeição final e feliz. Atribui-se a Jesus um caráter de universalidade, assim que nele se diga e por ele se efetue o sentido de tudo ou seja o

sentido de cada história individual, o sentido da história universal e o sentido de cosmo (2). Instaura-se o Reino de Deus no Espírito, erigido neste mundo, que não lhe pertence ainda totalmente e do qual Cristo é a pedra angular.

É um fato que só afirmamos a realidade de algo, quando este se inscreve na nossa existência, em nosso estar-no-mundo-com-os-outros. E é justamente aí que se manifesta a interioridade de Jesus. Não em um mundo inacessível onde ele se relacionaria com o Pai ou velaria sobre o mundo, mas é no mundo dos homens que ele se revela em sua divindade. É pois perscrutando este seu ser-no-mundo-com-os-outros que podemos entrever Deus do qual ele é a presença total e plena. Todavia, tal dimensão divina do Cristo não se resume a uma análise humana; é só na experiência religiosa, ou seja, no ato de fé que o cristão, diante do homem-Jesus de Nazaré, poderá declarar sua divindade.

Do mesmo modo, o Reino de Deus não se reduz a uma coleção de fatos aos quais se ajunta um novo sentido, mas ele é a própria reinterpretação do homem e do mundo, só apreensível na fé. Como o Cristo exigia a fé na verdade divina de sua ação, todo acontecimento externo do Reino de Deus é pleno de sentido quando o cristão o integra pela fé em sua vivência espiritual.

Os dons divinos nos quais Deus se comunica com os homens, guardam por força da lei encarnatória

da revelação divina, uma tendência intrínseca de desvelar sua mediação de modo sensível; de revelar a presença divina em visibilidade corporal. É o que os Padres da Igreja querem exprimir com o axioma: **rei sacrae signum**, o sacro revela-se em sinais sensíveis.

Segundo o relato bíblico, o Cristo nunca se exime desta lei da encarnação. O seu anúncio assume as formas representativas da época e é esclarecido por sinais sensíveis. Ao cego de nascença, Jesus, após untar com lodo seus olhos, restitui a vista ao mesmo tempo que comunica a luz da fé. Impõe as mãos às criancinhas e as abençoa. Na última ceia lava os pés dos Apóstolos para que sejam "totalmente limpos" e com eles come o cordeiro pascal antes de lhes dizer: "Comei todos vós, isto é o meu corpo". Soprou sobre eles a fim de lhes comunicar o Espírito Santo e o poder de perdoar ou reter os pecados. No dizer de S. Cipriano e Tertuliano, quem estava habituado ao mundo veterotestamentário podia sem grandes dificuldades reconhecer no pão e no vinho símbolos da paixão, pois já no Antigo Testamento eles se revelam como indicativos da História salvífica da Redenção do Cristo (3).

Há pois um valor simbólico em tais sinais, que compreendidos hoje nos sacramentais tornam-se, por impetração da Igreja, ações pelas quais ela solicita de Deus o conferimento de graças. Enquanto constituem este valor simbólico, exige-se uma adaptação à linguagem de cada povo em cada época.

## 5. Os sacramentais na vida religiosa

A vida religiosa poderia ser compreendida como sendo a tematização e a institucionalização da experiência de Deus. Tal experiência não se confina à realidade puramente humana, pois neste caso ela nos seria disponível e nós a poderíamos produzir quando e como quiséssemos. A experiência de Deus só é possível quando se põe em questão a suficiência do empírico, pois o Deus da Bíblia é o Deus da História, comprometido com a História, mas nunca na continuidade da História.

Não se pode negligenciar este apelo do homem para transcender seus limites, o que significa, mesmo na fé popular, que o Deus salvador é o absolutamente Outro disto que Ele salva; ou seja, Ele é, como princípio de salvação e condição de sua possibilidade, irreduzível às determinações que caracterizam isto que deve ser salvo. Deste modo, a fé popular sugere a necessidade de ultrapassar as representações, das quais ela se alimenta e que lhe são necessárias, instaurando o Reino de Deus.

O religioso por sua vida é justamente o sinal deste Reino, isto não enquanto ele é uma meta a ser atingida, mas já a própria realidade do empenho na realização da vida religiosa. O religioso indica a não-suficiência do empírico, que o homem não pode se reduzir só a isto que se vê. Ele instaura numa forma de existência a exigência que todo homem possui de reconhecer esta

dimensão-transcendência essencial a ele e que permanece no silêncio, no implícito, no escondido, abrangendo, todavia, a riqueza total da totalidade do seu ser.

A vida religiosa é, pois, atingida e vivificada por este dinamismo do Reino de Deus na instauração do novo céu e da nova terra no homem renovado pelo Cristo. Ela se desvela como sendo a tematização não da existência de Deus, mas da **presença** de Deus ao homem e do homem a Deus. Preocupa-se em realizar uma presença efetiva, dinâmica, que se apresente, ao mesmo tempo como princípio de existência e como polo de atração ou de aspiração.

Os sacramentais em sua relação com a Igreja, sacramento universal de salvação, constituem o anseio do próprio homem de se engajar na instauração deste Reino de Deus. Preparam-no para os sacramentos, assim como constituem, no nível da linguagem, o apelo simbólico de que em toda sua atividade o homem não pode se fechar unicamente na esfera do que ele vê, do constatável e demonstrável, ou seja, na esfera do empírico. Eles o convocam a este ultrapassar-se. É justamente aqui que nós nos encontramos com o religioso que na aceitação e prática dos sacramentais não os transforma em "coisas" de superstição, mas que aponta para seu real sentido. É ele mais do que qualquer outra pessoa convidado a desvelar a dimensão-transcendência dos sacramentais, enquanto estes orientam o homem à recepção dos sacramentos e a instaurar o Reino de Deus.

O religioso é aquele que assume o mundo e nele o homem para prepará-lo em vista do Reino de Deus, compreendendo que o presente é a antecipação do futuro ou seja no presente já estamos no próprio vigor do futuro, construindo-o. Ele utiliza os sacramentais, colocando-os em sua função primordial de antecipação do futuro, enquanto eles manifestam a re-criação de todas as coisas em Cristo.

## 6. Consequências pastorais

Do que refletimos pode-se auferir algumas exigências pastorais importantes. Vimos a necessidade da vinda do Cristo e da Igreja em sua visibilidade histórica, como sinal visível e sensível de sua ação salvífica. Sua vinda é preparada em todos os povos e em todas as culturas, preparação que já é a presença misteriosa do Cristo e sua ação salvífica. O Cristianismo penetrando, por exemplo, no mundo helênico, procurou captar sinais evocativos da mensagem evangélica que, como o deus desconhecido do Areópago, pudessem levá-los à adesão explícita e total ao Cristo no sacramento do batismo.

Os sacramentais, compreendidos como ações e "coisas" que preparam o homem à recepção dos sacramentos ou à graça de Deus, assumem um papel relevante na evangelização. Aquele que evangeliza é convidado a descobrir os sinais sacros presentes em uma determinada cultura e que já exercem, ainda que não incorporados institucionalmente à Igreja, esta função e finalidade sacramental. Tais sinais pertencem à

Igreja do Cristo enquanto esta em sua dimensão-mistério lhes confere valor impetratório do auxílio divino.

Nosso empenho não é o de cristianizar tais elementos, como se o Cristianismo lhes fosse uma realidade extrínseca, mas sim de desenvolver nossa capacidade de decifrar, de reconhecer o que existe de cristão, isto é, o como podem eles ser aproveitados à explicitação da verdade revelada de modo total e pleno no Cristo. Não é ver a relação ou correspondência que existe entre o Cristianismo como nós o entendemos e o sentido que se dá a tais sinais sacros, mas será um esforço compreendido bem mais como desocultação, como descoberta. Nascerá assim uma visão mais ampla e pluralista dos sacramentais. O contrário seria a uniformização fundada no poder, deixando pouco lugar à manifestação do Mistério de Deus.

A vida religiosa nos conduz a esta compreensão e sensibilidade diante da gratuidade do Mistério de Deus. A vida comunitária nos diz que estamos constantemente na aventura do que seja comunidade, que ela não nos é dada de antemão e já pronta. Mas antes que um de nós dela fizesse parte, Deus nela já se dava e é na medida em que começamos a compreender e acolher os outros como diferentes de nós, que nos dispomos a acolher o Mistério de Deus em nós na descoberta de nossa identidade. Cada momento e cada acontecimento é o novo que se incorpora ao que nos é familiar na decifragem do Mistério de nossa vida no Mistério de Deus.

A evangelização será entendida como esta decifragem no homem de sua condição humano-divina na riqueza do desígnio de Deus, nunca por ele totalmente apreendido, mas sempre em sua eterna novidade. Os sacramentais poderão ser em número maior ou menor, o importante é que expressem em representações di-

versas esta linguagem sacra própria ao homem. Ao mesmo tempo que se afirma a necessidade de atualizá-los e da eliminação de alguns com a conseqüente criação de outros, eles são valorizados como meios de situar a pregação evangélica na compreensão da existência humana.

#### NOTAS

1. Ritual Romano de Paulo V, que em 1614 estabelecia 29 bênçãos. O Ritual de 1929 aumenta este número para 71 bênçãos não reservadas e 69 reservadas; o de 1952 arrola 74 reservadas.
2. COLIN, P., *Caractère Sacré de Jésus*, Rech. Sc. Rel. LVII (1969), pág. 521.
3. São Cipriano, *Ep.*, 63, 3-7; Tertuliano, *Adv. Marc.*, 4, 4: Pão.

# A VOCAÇÃO

---

PE. JOSEF ROMER

---

Aqui não estudaremos o problema psicológico da vocação. Queremos, antes de tudo, reduzir a discussão do tema, tão falado hoje, à sua fonte primordial. Tentamos descobrir algumas linhas daquilo que na Sagrada Escritura e na vida de Jesus se apresenta como vocação.

## 1. Vocação: um conceito não unívoco

O uso da palavra "vocação" não é tão evidente como costumamos pensar. Também aqui, antes de resolvermos todas as questões, queremos primordialmente delinear uns aspectos que nos parecem importantes no problema. No caso "puramente carismático" num apelo para a vida religiosa falamos de vocação num sentido bem determinado. Mas a mesma palavra não tem exatamente a mesma conotação quando falarmos do caso da ordenação dum diácono para sacerdote, ou dum sacerdote para bispo. Em-

bora a vida religiosa seja uma explicitação e radicalização do batismo, todavia a Igreja nunca obrigará um cristão a abraçar o estado religioso. Bem diferente é o caso da vocação sacerdotal. Supõe-se quase tacitamente a existência duma vocação "carismática", feita por Deus dentro da consciência do candidato. Mas junta-se uma vocação "humana", feita pela Igreja, perante toda a comunidade. De um lado, a Igreja impõe, no caso normal, a quem recebe o diaconato, a obrigação de aspirar ao prebiterato. Do outro lado, ela não reconhecerá tal aspiração como sinal suficiente duma autêntica vocação, se não chamasse através dos seus ministros. No caso do ministro, a palavra "vocação" implica elementos (como a deputação pela Igreja), que no caso da "vocação" religiosa não existem, ou outros que não encontram a mesma explicitação (a utilidade comunitária, antes do bem espiritual do indivíduo).

Como a vocação "religiosa" é considerada como uma inspiração de Deus naquele que for chamado, e como do outro lado também toda vocação ministerial supõe o chamado, em última análise, por Cristo, as duas formas têm uma essencial dimensão em comum. É exatamente esta dimensão da vocação por Cristo que será o ponto de vista deste trabalho. Assim, ainda que haja profundas diferenças entre vocação ministerial e religiosa podemos considerar ambas conjuntamente. Certo, o leitor saberá discernir que tantas afirmações terão seu valor mais diretamente para vocação ao ministério. Mas como em toda santificação "particular" Deus, que dá a graça, quer a edificação do corpo místico todo, será por mais um título justo e legítimo, considerarmos também a vocação carismática bem perto daquela outra ministerial (em prol da comunidade).

Assim, de antemão, embora reconheçamos nuances e diferenças profundas e irreduzíveis, não julgamos legítimo atribuir a esta vocação (ministerial) só o bem comum, da Igreja e àquela outra só o bem individual da alma.

Várias perguntas, em si difíceis e de um grande interesse para a Igreja de hoje, ficarão essencialmente fora da nossa consideração. Assim, por exemplo, todo o complexo da questão pelo recrutamento quantitativo dos ministros ficará de lado. Apenas queremos observar que a Igreja ou a sua hierarquia nunca poderá agir com simples arbitrariedade. Os critérios que ela estabelece, e tem a autoridade e o dever de

estabelecer, devem obedecer, em sagrada obediência, à única vontade divina de salvar a humanidade, servindo-se da Igreja como sinal e instrumento desta salvação. Só com muita coragem e numa atitude de fé confiante, a Igreja não aquiescerá a quaisquer critérios fáceis, nem a critérios alheios à utilidade e necessidade pastorais. Ela procurará com fé humilde e forte a mais plena forma de obediência ao divino fundador.

Um outro problema, não explicitamente tratado, é a correspondência entre a vocação por Deus e o chamado ou mandato pela Igreja. Ninguém, parece-nos, afirmaria que a Igreja pode proibir que alguém faça uma consagração radical (religiosa) a Deus, ou que ela tem a autoridade de obrigar um cristão a abdicar ao mundo e ingressar na vida religiosa. De outro lado não se vê por que a Igreja não possa obrigar um diácono (e finalmente um leigo) a aceitar o serviço mais pleno à sua comunidade, celebrando por ela e com ela também a Eucaristia. Quer dizer, parece que a Igreja, em determinadas circunstâncias, poderia obrigar alguém a aceitar uma sagrada ordem (ministerial). Claro, dizemos isto, pensando em caso extremo, e supondo as devidas cautelas. Mas nisto se evidencia uma diferença com a vocação "religiosa".

Ainda queremos mencionar uma outra nuance, ou diferença considerável. A vocação ministerial visa de maneira direta a **continuidade e a identidade da Igreja** no seu crescimento pelo tempo e pelos espa-

ços. A vocação carismática do Religioso (que pode existir simultaneamente no ministro) primeira e diretamente a **forma concreta** de **como** o Evangelho deve se encarnar em resposta existencial a uma determinada situação deste Evangelho perante o mundo: como pobreza, educação, contemplação, contestação, virgindade, etc.

## 2. O Cristo vocaciona hoje

Assistimos ao inesperado fenômeno de uma quase universal redescoberta. Foi a juventude quem avançou mais expressamente, e quase em massa. Enquanto o mundo moderno quer anestesiar a dor do seu egoísmo frustrado, apaziguar a consciência de ter criado um universo cada vez mais complexo e mais fantástico mas não ter tornado o homem melhor, enquanto este mundo procura o prazer e o deleite, grande parte da juventude, farta de tanta felicidade efêmera, e pos-tiça, está para descobrir o grande ideal atraente.

No mundo inteiro há um surto de entusiasmo pela (puríssima) figura de Jesus Cristo. Enquanto todo mundo discute idéias e disputa direitos e prerrogativas, Jesus nos traz não idéias apenas, mas o **ideal**. Ele derruba os muros de divisão. Ele justifica o injustiçado. Ele não condena o pecador que queira se converter. Os pobres doentes, no seu tempo, eram tidos como pros-critos por Deus. Os sacerdotes e fariseus proibiam que alguém tocasse neles.

“Encolerizado com tamanha hipocrisia, Jesus estendeu a mão, to-

cou no leproso e lhe disse: “Quero, fica curado” (Mc 1(41)). Ele acolhe o pecador e ampara os “sem-direito”. Come com eles, e declara bem-aventurados os pequenos, os pobres, os esmagados e perseguidos. Porque também eles, e eles principalmente, podem ser nobres, amados, acolhidos por Deus, devem ser puros e misericordiosos (cf Mt 5,3-12). Mas este Jesus não apresenta quaisquer exigências. Ele exige tudo, simplesmente tudo. Segui-lo exige grandeza de espírito, exige total nobreza de coração. — Hoje ainda, este Jesus chama. Os que ouvem são sempre a minoria. Exige-se deles uma grande liberdade e nobreza na sua maneira de encarar a vida.

Este chamado de Jesus é essencialmente duplo. Ele nos manda para uma obra grande cujo fim só Deus conhece. Ele nos faz “embaixadores de Deus (2 Cor 5,20), operários na messe imensa, onde tão poucos têm a coragem de se engajar totalmente (Mt 9,37s; Lc 10,2). Uma vez engajado nesta obra, não humana mas divina, o Servidor de Cristo conhecerá a maravilhosa vocação, sempre maior do que nós. Convicto da sua missão que urge, ele repetirá com S. Paulo: “Ai de mim se eu não evangelizar” (1 Cor 9,15). É enviado a um mundo no qual sempre ele se sentirá estrangeiro. Já bem cedo, a Igreja se chamará “par-oikía” (paróquia), o que significa: “sentir-se longe da casa (eterna)).

Mas o apelo de Jesus é também o chamado para a intimidade absolutamente nova. Para a amizade pe-

cular com ELE. Os servidores tornam-se amigos (Jo 15,15). E na última ceia Ele, tão generoso, agradece aos seus amigos a fidelidade de terem permanecido firmes ao Seu lado nas suas tentações (Lc 22,28).

Muitos já perceberam o perigo de que o entusiasmo da juventude poderia ser um modo fácil de se auto-iludir com um **ideal apenas falado**. De fato, Jesus é um ideal libertador quando a existência toda se compromete. Este compromisso é sempre maior do que nós mesmos e as nossas forças. Mas quem o assume, é verdadeiramente assumido por ele.

### 3. **Vocação por Jesus no Novo Testamento**

Sabemos que todo cristão tem por livre graça o chamado de seguir o Cristo, de viver a vida nova, de participar da vitória pascal sobre o pecado, a morte e o medo (Col 1,12; 3,15; Ef 1,18). Todos os que têm fé colaborarão na realização do novo mundo (Gál 6,15; 1 Cor 7,19).

“Ele os chama para junto de si aqueles que ele mesmo quer, e... eles se acercam dele” (Mc 3,13).

Numa única frase o evangelista inclui toda a feliz, — e todavia dramática vocação: “Escolheu doze, para serem seus companheiros e para enviá-los a pregar” Mc 3,14.

#### **A vocação nos evangelhos sinóticos**

“Passando ao longo do lago..., viu dois irmãos... que lançavam

a rede ao lago... Disse-lhes: Vinde após mim, que farei de vós pescadores de homens. E eles, deixando as redes, imediatamente o seguiram. Mais adiante, viu outros dois irmãos..., na barca com seu pai Zebedeu, os quais estavam consertando as redes; e os chamou. Abandonando a barca e o pai, logo o seguiram” Mt 4,18-22.

Jesus toma a iniciativa. “Vinde! Segui-me” (4,18). Isto não será para medíocres. Ele mudará toda a vida deles. “Eu vos farei pescadores de homens”. A reação dos dois é estupenda. Sem hesitação, imediatamente seguiram-no. E Jesus continua chamando outros pelo caminho... (4,21). Estes discípulos trocarão a pátria pelas estradas sem fim, pelo mundo inóspito, abandonando a família e os amigos e o seu trabalho costumeiro, eles enfrentarão a solidão áspera, os perigos sem número, a perseguição e a hostilidade (cf 2 Cor 11,23 ss). Nunca mais eles terão a segurança duma vida pacata; mas o Cristo exige que eles sofram exatamente o que Ele deve sofrer. Como cordeiros perdidos, eles se encontrarão em meio de lobos vorazes (Lc 10,3). A necessidade e a autoridade de pregar o Reino de Deus é a sua única riqueza. Eles se libertarão de tantas coisas até então importantes e necessárias (Lc 10,4; cf Mt 10,23; Lc 21,12; Mt 5,11; Lc 9,58).

Tantas vezes os discípulos irão por caminhos lúgubres e medonhos mas no fim eles enveredarão pelo próprio caminho da Cruz de Cristo (Mc 8,34-38). Mesmo malditos pelo mundo, eles não poderão se

envergonhar do Cristo (Mc 8,38). Como o profeta é um "muro" contra o mundo perverso (Jer 1,18), assim o discípulo de Cristo será o "Não" corajoso contra toda perversidade (Mc 8,38), mas ao mesmo tempo o "Sim" de Deus a tudo o que é fraco, quebrado e humilde.

Nesta missão, o discípulo terá uma certeza, uma força que o fará capaz de seguir o seu Mestre, a confiante intimidade. Este Cristo é o "bem-amado" de Deus (Mt 17,5) a quem o Pai entregou todo o poder. Em meio à sua missão ele aborrece a dor, repudia a morte; mas, obediente, ele vive em total intimidade a presença confortadora do Pai (Lc 10,22; Mt 11,25 ss). Como Jesus, vive na intimidade do Pai que o enviou, assim o discípulo enviado em seu nome, vive a intimidade de Jesus (Cf Lc 10,16 e 10,22).

### A vocação no evangelho de S. João

João coloca em primeiro plano um outro aspecto. Não a missão, não a autoridade. **Vocação é comunhão total com o Cristo.** A figura fascinante de Jesus e os seus planos sem igual, de tal modo, impressionam a alguns, que eles o seguem como discípulos. Jesus não chama em primeiro lugar exteriormente. Ele toca o íntimo da pessoa.

"No dia seguinte, João lá se encontrava de novo, com dois discípulos. E vendo a Jesus que passava, disse: Eis aí o Cordeiro de Deus. Ouviram-no dois de seus discípulos, e seguiram a Jesus. Voltando-se este, e vendo que o seguiam,

perguntou-lhes: Que desejais? Responderam-lhe: Rabi... onde moras? Disse-lhes: Vinde e vede. Foram pois; viram onde morava, e ficaram com ele aquele dia. Era cerca da décima hora do dia" (Jo 1,35-39).

"Mestre, onde moras?" (38). Ainda eles não adivinham a consequência desta pergunta e tão pouco o alcance de sua resposta: "Vinde e vede" (39). Na hora décima, em que ficaram com ele, deve ter acontecido algo de grande, que nunca mais os deixará. Começa a grande história de uma fidelidade amiga que mais tarde será modelo para inúmeros que tiverem a grandeza de fazer a aventura divina com a pessoa e a obra deste mesmo Jesus. A hora, em que o descobriram, foi a "décima hora" o tempo da plenitude... Eles dirão aos colegas a notícia que é grande demais para eles mesmos: "Encontramos o Messias" (1,41-45).

Aqui começou silenciosa mas fortemente aquilo que hoje ainda se repete: "Existia a Luz, a verdadeira, aquela que vindo ao mundo ilumina todo homem" (Jo 1,9). Nesta iluminação interior, e não apenas num chamado exterior por Jesus ou pela Igreja, acontece — para João — o verdadeiro milagre da vocação. Ninguém pode dizer facilmente se ele tem ou não aquele verdadeiro chamado. Só em humilde escuta e num confiante ato de entrega, a luz nos toca eficazmente.

"Aos que o acolheram, porém, ...deu-lhes poder de se tornarem filhos de Deus" (Jo 1,12).

Todo cristão deve ser tocado por esta Luz. Mas o discípulo é chamado para um acolhimento bem peculiar. Inúmeras vezes repetir-se-á a pergunta durante a vida dos discípulos: "Mestre, onde moras?" Cada vez mais solicitante será a resposta: "Vinde e vede". E será repetida e aprofundada a mesma experiência dos que "ficarem com Ele naquela tarde". Sem esta vital e crescente intimidade, a vocação do ministro será degradada apenas a uma pura função, a uma profissão aprendida e "devidamente" executada. Manifesta-se nisto a total transcendência da vida do ministro de Jesus Cristo.

Como o "Filho único, que está no seio do Pai viu a Deus e o deu a conhecer aos seus, por seu testemunho" (Jo 1,18; 1,7; 5,32.34.36; 10,25); assim aqueles que "desde o início permaneceram com ele, darão testemunho" da intimidade experimentada com Ele (Jo 15,27 cf At 1,21-22).

O trabalho dos discípulos, e finalmente da Igreja toda, é esta "martyria" este testemunho duplo: ♦ Não só o encargo exterior de pregar em nome da comunidade e para a comunidade. ♦ Mas de falar do que "viram e ouviram", do que "palpavelmente contemplaram do Verbo da Vida" (Jo 1,1; At 4,20).

Como Jesus vive da intimidade com o Pai e é um com Ele (Jo 14, 9, 17,21; 6,38-39), e como do Pai tudo recebe (Jo 17, 2.4.6b et passim) assim os seus discípulos, no contato crescente com seu mistério "conhecem agora, que tudo quanto Jesus tem, vem do Pai" (cf Jo 17,7). Exatamente nisto, duma maneira espe-

cífica e bem peculiar, eles são constituídos "amigos porque Jesus lhes deu a conhecer tudo quanto ouviu do seu Pai" (Jo 15,15). Nisto manifesta-se, o quanto "Ele os separou do mundo" (Jo 17,19), para depois "enviá-los ao mundo, exatamente como o Pai o enviou ao mundo" (Jo 17,18).

Se um discípulo não quiser entrar nesta escuta e contemplação do mistério do Cristo, já não terá mais o pleno fundamento da sua missão. Ele estará no perigo "de falar por si mesmo", em lugar de "dizer tudo o que tiver ouvido" (Jo 16,13, cf 15,26-27). Sem oração e contemplação ele se distanciará do mestre e não poderá mais dizer na mesma plenitude: "o que estais ouvindo não é palavra minha, e sim do Pai que me enviou" (cf Jo 14,24b).

Também em João, esta "décima hora" não será o exclusivo aspecto da vocação. Por seu convite: "vinde e vede" já se prenuncia aquela outra duodécima...

Enquanto os sinóticos colocam o chamado "segue-me" logo no início, S. João mostra o paulatino acordar de cada um no amor e na fé. Logo no início do Evangelho aparece, ou talvez melhor transparece, a força do inevitável mistério: "Eis aí o Cordeiro de Deus" (Jo 1,36). No fim do evangelho todos "contemplam aquele que transpassaram" e reconhecem nele o verdadeiro "Cordeiro" pascal, vítima expiatória pelo mundo inteiro (Jo 19,36s). Agora, no fim, inconfundivelmente, ouviremos o convite último: "Mete o teu dedo..., eis minhas mãos: mete a tua mão no meu lado, e... crê..."

(Jo 20,27). E ainda uma vez, exigindo uma fé incondicional, o Senhor dirá: "Tu, segue-me" (Jo 21,19).

Agora os ministros mais do que todos os outros, descobriram "onde ele mora". Já na vida, e agora na morte e na Páscoa, eles têm ouvido e conhecido o seu mistério; agora a vocação é plena.

"Que te importam os outros? Quanto a ti, segue-me" (Jo 21,22).

#### 4. Conclusão

**Unir os extremos** (ser enviado sem morada — ser obrigado na intimidade). Nestas duas dimensões compreende-se essencialmente a vocação no Novo Testamento:

◆ Tornar-me servo do seu evangelho. Anunciar a toda criatura "que Jesus é o Senhor e... que Deus o ressuscitou dos mortos" (Rom 10,9ss). Não conhecer mais ninguém, "senão o Cristo e este crucificado". Suportar o escárnio ou o pouco interesse do mundo, assumir o ódio dos "judeus", e pregar o único evangelho: o "Logos estourou", a palavra da Cruz (1 Cor 1,10, cf 1,17s; 2,2). Pelas estradas do mundo, consumir-me muitas vezes sem nome, sem aplauso, deixando o "sucesso" para outros.

◆ Ao mesmo tempo vocação significa: guardar a felicidade de "conhecê-Lo" (Jo 17,3). Saber aceitar que ter a graça de "crer n'Ele" significa ser chamado para "padecer por Ele" (Fil 1,29). Assim fala também a carta aos Gálatas: "enquanto vivo nesta carne, vivo na fé do Fi-

lho de Deus, que me amou e se entregou por mim" (2,20). Aceitar a vocação significa: meter-se irrevogavelmente com Aquele que nos quer" (cf Jo 21,18-19).

Como a existência de todo cristão renova-se no mistério da Páscoa, assim o Cristo compromete o seu apóstolo de uma maneira peculiar — com este total mistério da sua morte e da Sua... Vida. O ministro é primeira e fundamentalmente o pregador desta Páscoa (cf Vaticano II, LG 25a; CD 12; PO 4); mas não só da Páscoa de Cristo, isoladamente, mas também, e ao mesmo tempo, da sua real vitória pascal, operante na progressiva transformação libertadora do mundo pecador para a Imagem do Cristo vencedor.

Como os sinóticos falam da "Cruz que cada dia é carregada atrás do Cristo" (Mc 8,34ss), e como eles declaram indigno aquele que desiste do penoso trabalho de arar no campo do Outro (Lc 9,62), assim em São João a mesma exigência acentua-se ainda mais. Jesus é o grão de trigo que só morrendo frutifica e salva, da mesma sorte, o seu discípulo deve perder a vida. "Se alguém me quer servir que me siga, e onde eu estiver estará também meu servidor" (Jo 12,24-26).

É verdade que tais afirmações atingem todos os cristãos. Mas é igualmente verdade que "Ele chamou alguns junto de si... para serem seus **companheiros**, e assim ele poderá enviá-los a pregar (cf Mc 3,14). Aqueles mesmos que ele convidou para sua intimidade (Jo 1,39) são também aqueles **aos quais Ele**

**confia tudo** (Jo 15,16; 15,26-27; 17,18). E são eles dos quais o próprio Jesus exige tudo: a vida e a... morte, querendo conduzi-los aonde... Ele quiser (Jo 21,18).

Todo cristão é chamado para "viver como Jesus viveu" (1 Jo 2,6); todo cristão deve viver esta extrema confiança da fé: "...sei em quem deposei a minha confiança, e tenho plena convicção de que é capaz de guardar o meu depósito até aquele dia" (2 Tim 1,12). O ministro, pregador desta fé e desta vitoriosa confiança, deve tornar-se quase sinal visível desta vitória pascal e desta entrega confiante. "Sede meus imitadores, irmãos"... (Fil 3,17). Embora sempre Ele saiba da ambigüidade do seu próprio exemplo, ele deve remeter os outros ao exem-

plo da comunidade, "ao exemplo daqueles que andam conforme o meu exemplo... e não são inimigos da Cruz" (cf Fil 3,17-18).

Finalmente, "o que se manifestou a nós, o que vimos e ouvimos, o anunciamos a vós" (1 Jo 1,1-3). O acontecimento entre Ele e nós torna-se uma causa principal da nossa pregação. Não nos pregamos a nós mesmos, nunca! Mas pregamos o evangelho que em nós é vitória, em nós é salvação. Por isso, o ministro dará testemunho do "amor... perfeito, que expelle todo o temor... porque Ele amou primeiro" (1 Jo 4,18-19).

Só quem amar o Cristo, e der testemunho deste seu amor, será fiel ao significado primordial da sua missão ao mundo.

# EM DESTAQUE

## I

### MEDELLIN CINCO ANOS DEPOIS

**Dom Alfonso López Trujillo**  
Secretário Geral do CELAM

O que foi e o que representou este acontecimento destinado a ser um marco decisivo e indelével em nossas Igrejas? Quais as perspectivas que, a partir desta Assembléia, se delineiam para o imediato futuro de nossos povos e quais as possibilidades e as dificuldades que se destacam? Há muitos questionamentos e muitas interrogações que emergem espontaneamente para quem refletir, à discreta distância de um lustro, sobre Medellin, como simplesmente se costuma dizer hoje.

O que foi Medellin? Não se pense que a melhor forma de indicar sua transcendência sejam reflexões teóricas. Queremos até evitá-las. Sublinhar os traços marcantes de Medellin e se esforçar para recolher alguns de seus elementos mais significativos, necessariamente numa visão de conjunto, sem se fixar em detalhes, talvez seja o que mais tem faltado. Analisar Medellin em seu conjunto, não se deter em parágra-

fos dispersos, em afirmações soltas que, por mais luminosas que sejam, não nos aproximam da significação global desta Conferência.

Medellin foi um **ACONTECIMENTO DE IGREJA** e como tal, uma expressão da comunhão, da vida, da experiência de nossas Igrejas. Um acontecimento marcado por estes aspectos, entre outros:

◆ **Expressão da consciência pastoral** de todo o Povo de Deus na América Latina, assumida por seus pastores e neles refletida. Os Bispos levaram para Medellin a voz dramática e esperançada de suas comunidades, de seus desafios, de seus esforços. Medellin se ubicou numa dimensão decididamente pastoral. Seu fundamento foi a práxis da Igreja recolhida singelamente, apresentada e compartilhada por aqueles que são, na comunidade, princípio visível da unidade. Neste sentido Medellin é uma corrente caudalosa onde desembocaram os diversos

afluentes de uma renovação pastoral intensa embora incipiente. Os compromissos de Medellin são, mais do que desejos para o futuro, são ratificações sinceras de comportamentos e de desejos em processo. Medellin é, sobretudo, manifestação de uma consciência nascente.

◆ **Responsabilidade diante de uma nova era histórica** para a Igreja na América Latina. É uma responsabilidade assumida que se torna um compromisso. “Nossa palavra de pastores quer ser um sinal de compromisso”. Não é uma proclamação lançada aos demais mas um convite premente feito às comunidades e fundamentado na mesma atitude dos Bispos. “Esperamos ser fiéis aos compromissos que assumimos”, disseram eles, convictos da prioridade desta hora de ação. Frente à acelerada e ampla transformação da América Latina compreende-se que a densidade dos acontecimentos representa para a Igreja uma interpelação muito direta, um chamamento de Deus muito concreto.

◆ **Forma de presença da Igreja** que provoca novas opções. Sem renegar o seu passado e sem compactar com erros; sem artificiais complexos de culpabilidade e de frustração, porém, sem ocultar sinceramente seus limites e eventuais desenfocues, Medellin se preocupou mais por estabelecer a forma de sua presença, cimentada num conjunto de opções pastorais de especial relevo, que serviriam de incentivo para o empenho, de instrumento dinamizador e de elemento crítico para a ação posterior da Igreja.

Estas opções estão impregnadas de uma **tensão de renovação** nos campos teológico, pastoral e nas estruturas mesmas da comunidade eclesial. Embora Medellin não tenha sido uma Assembléia de feitiço dogmático, como aliás nem o Concílio, a reflexão teológica não esteve ausente. Pelo contrário. Em sua etapa de preparação e em sua realização, a teologia prestou valiosa contribuição. Suas conclusões subentendem a presença de um esforço teológico bem latino-americano, em estreito contato com as experiências pastorais, das quais é manifestação e fonte de nutrição. O desejo de uma renovação pastoral circula em todos os documentos e a urgência de modificações de caráter estrutural é prevista como condição indispensável para um trabalho mais eficaz.

Duas opções tiradas deste conjunto de opções que é Medellin, me pareceu centrais: 1.<sup>a</sup>) A libertação integral. 2.<sup>a</sup>) O serviço aos pobres. São realmente vertebrais. Dão coerência aos Documentos ou às Conclusões que superaram a dinâmica prevista e trouxeram um novo rumo à intenção original. Inicialmente se pensou numa declaração global que integrasse os diferentes pontos, porém, diante da riqueza das elaborações dos diferentes grupos de trabalho, preferiu-se maior espontaneidade e se publicaram todas as relações. As opções mencionadas derivaram da leitura dos sinais dos tempos e receberam o maciço e benéfico influxo do Concílio e dos últimos Documentos Pontifícios. **Medellin é fruto imediato da reno-**

**vação conciliar**, em cuja luz se fez toda a reflexão. Sem o Concílio Vaticano II, a Conferência de Medellín teria sido impossível. Entre os Documentos Pontifícios merece destaque, por sua notabilíssima influência, a **Populorum Progressio** e o ensinamento de Paulo VI no Congresso Eucarístico Internacional de Bogotá, que precedeu imediatamente à reunião de Medellín. O breve documento **Paz** traz vinte e uma citações de Paulo VI. E há ainda quem se atreve a insinuar que Medellín pretendeu escamotear o Magistério Pontifício.

◆ **A opção pela libertação.** No documento preparatório a Medellín se oferecia uma doutrina mais coerente e estruturada que certamente animou o trabalho das diferentes comissões. As alusões espalhadas nos documentos sobre o tema da libertação exigem uma síntese e uma reflexão para se compreender melhor a intenção profunda das Conclusões. Ali está **in nuce** o mais valioso de uma bem entendida teologia da libertação. A libertação é vista como um sinal dos tempos, a mesma conclusão a que chegou o Concílio. É o clamor dos povos. "Um surdo clamor brota de milhões de homens pedindo a seus pastores a libertação que não vêem chegar de parte alguma" (Pobreza, 2), clamor interpretado solicitamente por Paulo VI, no Discurso aos Camponeses no Congresso Eucarístico Internacional. "Nossos povos aspiram por uma libertação e por seu crescimento em humanidade, através da incorporação e da participação de todos na própria gestão do processo

libertador", (Mensagem aos Povos da América Latina).

A libertação é apresentada como o traço mais característico "no umbral de uma nova etapa histórica de nosso continente, explodindo de desejo de emancipação total, de libertação de qualquer servidão, de maturação pessoal e de integração coletiva. Não podemos deixar de interpretar este gigantesco esforço por uma rápida transformação e desenvolvimento como um evidente sinal do Espírito que conduz a história dos homens" (Introdução às Conclusões, 4).

Aparece também como uma forma de resposta da Igreja, inerente à vocação especial da América Latina. "Por sua própria vocação a América Latina tentará sua libertação, a custo de qualquer sacrifício, não para se fechar sobre si mesma, mas para abrir-se em união com o resto do mundo, dando e recebendo em espírito de solidariedade" (Mensagem aos Povos da América Latina).

A corrente de libertação expressa nas profundas e legítimas aspirações de nossos povos é interpretada num sentido de fé pascal: "Assim como outrora, o primeiro povo, experimentava a presença salvífica de Deus quando o livrava da opressão do Egito, quando o fazia passar pelo mar e o conduzia até a terra prometida, do mesmo modo, nós, como novo Povo de Deus, não podemos deixar de sentir sua passagem que salva, quando se verifica o verdadeiro desenvolvimento, que é a passagem de cada um e de todos, de

condições de vida menos humanas, para condições de vida mais humanas..." (Introdução às Conclusões, 6).

Neste contexto se observa igualmente a identificação operada pela libertação e pelo desenvolvimento integral, debaixo do impacto da teologia implicada em *Populorum Progressio*. A libertação diz respeito à totalidade do homem (Introdução, 5), cuja causa está no Cristo ativamente presente em nossa história. A fé na libertação pascal está vinculada expressamente com o desejo impaciente do homem por sua total redenção. A meta do desenvolvimento do homem é Cristo (Ef 4,13).

Não temos aqui, neste conjunto de intuições apenas tentativas, mas os melhores filões para uma adequada teologia da libertação.

◆ **A opção pelos pobres.** Na atmosfera conciliar de uma Igreja servidora da humanidade e em coerência com as exigências da Igreja libertada (na pobreza) e libertadora, aparece esta opção. No Documento preparatório se insistia bastante nesta orientação concreta que foi tomada por alguns como um irônico paradoxo: falar da necessidade da pobreza e da urgência deste compromisso num continente tão pobre. Todo um documento foi dedicado a este tema.

Parte-se do reconhecimento da pobreza (no sentido de miséria) da maioria em contraste com a riqueza de poucos. Denuncia-se o descuido

"da massa de populações nativas quase sempre abandonadas a um ignóbil nível de vida e, às vezes, tratadas e exploradas duramente" (Paz, 3). A Igreja tem de ser solidária desta sorte. Por isso aparece com toda nitidez esta conclusão pastoral: "Defender, de acordo com o mandamento evangélico, o direito dos pobres e dos oprimidos, urgindo de nossos governos e de nossas classes dirigentes, para que eliminem tudo quanto destrói a paz social" (Paz, 2). "Denunciar energicamente os abusos e as injustas conseqüências das desigualdades excessivas entre pobres e ricos, entre poderosos e fracos, favorecendo a integração" (Paz, 23).

A predileção pelos pobres, a solidariedade para com eles é fortemente sublinhada e deve partir para atitudes concretas. "O particular mandamento do Senhor de evangelizar os pobres deve atingir uma distribuição dos esforços e do pessoal apostólico, distribuição que dê preferência efetiva aos setores mais pobres e necessitados" (Pobreza, 9). "Temos de avivar a consciência do dever de solidariedade para com os pobres a que nos leva a caridade. Esta solidariedade significa fazer nossos, seus problemas e suas lutas, saber falar por eles. Isto deve concretizar-se na denúncia da injustiça e da opressão; na luta cristã contra a intolerável situação que suporta, com freqüência, o pobre; na disposição de diálogo com os grupos responsáveis desta situação para fazer compreender suas obrigações" (Pobreza, 10).

## RELIGIOSAS DA ASSUNÇÃO EM FESTA

As Religiosas da Assunção são cerca de 1.800 irmãs, de 43 nacionalidades, vivendo em 186 comunidades implantadas em 30 países de quatro continentes.

Seu apostolado: **A educação em múltiplas áreas: ensino, capelanias de escolas, catequese, alfabetização, animação feminina, lares de jovens, dispensários, participação na vida de seus irmãos. O dinamismo de sua missão está numa vida fraterna e orante.**

No mês de fevereiro de 1975, no início do Ano Santo, Paulo VI beatificará uma francesa Anne Eugénie Milleret, fundadora das Religiosas da Assunção.

Nascida em Metz, em 1817, de família antiga, rica mas a seguir arruinada, envolvida na política local, Anne Eugénie teve uma infância e uma juventude semelhante a tantas outras em um meio onde a fé não brilha por seu rigor mas se instala na tradição: uns são piedosos, outros nada ligam, outros são ateus.

Mas cedo, Anne Eugénie começa a fazer perguntas que se chocam com a superficialidade dos que a rodeiam, ao mesmo tempo que a sede do absoluto e o desejo de dar um sentido a sua vida a torturam. Encontramos nesta jovem um ape-

lo radical a tudo dar. Muito cedo ela revela uma grande nobreza de caráter e uma viva sensibilidade.

Sonha com uma transformação profunda da sociedade sob a ação do fermento evangélico. Seu conhecimento das necessidades dessa época — estamos em 1837, — desta sociedade, na qual se movimentam homens como Chateaubriand, Montalembert, Ozanam e o Padre Lacordaire, a leva a descobrir primeiramente a necessidade de uma nova educação para as moças de seu meio, moças que perdem seu tempo com mundanismos enquanto seus maridos engajam-se cada vez mais na vida econômica e política do país.

Esta educação supõe a fundação de escolas impregnadas de um novo espírito. A intuição de Anne Eugénie Milleret corresponde a necessidades tão profundas que a obra vai se espalhar e ultrapassar as fronteiras da França.

Para além dos países da Europa (Inglaterra, Espanha, Itália) o Assunção atravessa os mares e chega aos limites da Ásia (Filipinas) e da África (Cabo). E começa a trabalhar também na América Latina.

Quando da morte de Madre Marie Eugénie, a Assunção contava com vinte nove casas.

Como uma árvore que aprofunda suas raízes na terra, cresce e se desenvolve, espalhando seus galhos para dar frutos mais abundantes, a congregação continua seu caminho e abre novas pistas.

Penetra na Bélgica, na América do Sul (Brasil), nos Estados Unidos, na Dinamarca. O grão de trigo, através de vicissitudes internas e externas, morre e renasce sempre cheio de vida e fecundidade.

No período pós-conciliar, vemos uma vida nova brotar nos quatro continentes, com numerosas inserções, sobretudo na África, na Ásia e na América Latina.

As intuições de Madre Marie Eugénie que vão além dos sinais dos tempos de sua época, correspondem profundamente aos apelos da Igreja e dos homens de hoje. A Assunção quer anunciar a Boa Nova e colaborar com todos os ho-

mens na construção do mundo. Haure seu dinamismo apostólico numa vida de comunidade fraterna e orante. Alia contemplação e educação sob diversas formas: trabalha com os mais pobres nesta libertação em Jesus Cristo, com os índios nas montanhas da Guatemala ou nas ruínas de Manágua, nas favelas do Brasil ou entre os camponeses da Argentina. Vive numa tenda com os tuaregues da Nigéria, com os homens e as mulheres do Sahelm, em sua luta pela vida. Acha-se presente aos problemas da Ruanda e colabora na Tanzânia com o regime socialista cristão. Acha-se aberta à justiça social nas Filipinas, à promoção da mulher na Índia, ao sentido da vida no mundo subdesenvolvido do Japão.

As religiosas da Assunção, aproximadamente 1.800 irmãs de 43 nacionalidades, acham-se repartidas em 186 comunidades, implantadas em 30 países de 4 continentes.

**CONVERGÊNCIA** publicou, neste ano, uma série de estudos sobre a promoção da mulher. Lembramos aqui especialmente os trabalhos publicados no fascículo de julho/agosto e mais outros dois estudos, um no fascículo de setembro e outro em outubro. O que apresentamos nas quatro páginas seguintes são as **Conclusões** destes trabalhos já publicados e, anteriormente, expostos no Encontro de Maio de 1974, sob os auspícios da CRB.

# O PAPEL DA MULHER NA IGREJA E NA SOCIEDADE

## I — DADOS ATUAIS

- a) da antropologia e psicologia da mulher
- b) da sociologia sobre a mulher no Brasil

1. Foi feita a análise do “modelo” vigente, em que a mulher é situada em posição de inferioridade ao homem. Esta análise nos leva a concluir que é preciso não só mudar aspectos parciais da situação, mas a nova concepção do homem e da mulher no mundo.

2. Esta nova concepção:

◆ Implica não só o reconhecimento do homem e da mulher em seu **SER** como **PESSOAS**, mas também o reconhecimento efetivo e prático da **IGUALDADE DE AMBOS**.

◆ Implica na reciprocidade no relacionamento varão-mulher em vista da construção de um mundo novo.

◆ Permite não só à mulher, mas também ao homem, ser autenticamente **SUJEITO, PESSOA**; pois, quando a mulher é considerada objeto também o homem perde a possibilidade de um relacionamento dialógico, pessoal.

3. A mudança do “modelo” antigo para a **NOVA CONCEPÇÃO DE PESSOA**, se realiza dentro de **UM PROCESSO DE LIBERTAÇÃO**.

◆ A libertação exige mudança de estruturas sociais e empenho de cada pessoa em assumir responsávelmente sua função na sociedade.

◆ A mulher e o homem, dentro deste processo, devem descobrir sua

imagem e reavaliar a escala de valores até hoje aceita.

◆ Entre as dificuldades que impedem esse processo, encontram-se certos estereótipos morais e religiosos que merecem uma crítica corajosa.

4. Só plenificada se atingir o SER, a valorização da mulher é manifestada no FAZER. O FAZER, no mundo de hoje, se traduz, de um modo geral, pela **INSERÇÃO PROFISSIONALIZANTE**.

◆ Esse movimento profissionalizante é irreversível. Mas é preciso refletir ainda para perceber até que ponto, como e para que esta profissionalização é um dos caminhos da inserção da religiosa no mundo.

◆ Em qualquer campo profissional, deve encarnar sua missão profética em seu trabalho específico.

◆ Isso implica a necessidade de modificar o tipo de expectativa da sociedade em relação à religiosa, e, nela, a **CONSCIÊNCIA DE SER AGENTE DE MUDANÇA EM SEU MEIO**.

## **II. Visão ontológico-teológica do masculino e do feminino**

Uma visão mais profunda do masculino e feminino, como dimensões do ser que cada pessoa — homem ou mulher — possui, embora de modo diferente, leva a uma nova forma das relações homem-mulher.

A concretização desta nova visão e do novo relacionamento homem-mulher, que afeta muito também a vida religiosa, exige:

1. **CONSCIENCIALIZAR** as pessoas das modificações de comportamento, implícitas na nova visão e que já se expressam muitas vezes nas atitudes da nova geração.

2. **REFLETIR** sobre os dados da antropologia e assumi-los não como pura informação, mas como apelo a uma mudança e a um novo tipo de formação.

3. **ORIENTAR A FORMAÇÃO** da mulher no sentido de:

◆ Libertar-se dos resquícios do modelo anterior de predomínio de um sexo sobre outro.

◆ Interiorizar, numa caminhada pessoal, a dimensão masculino-feminina da personalidade.

◆ Desenvolver e manter uma atitude auto-crítica, que impeça a exacerbação de um dos polos da dimensão feminino-masculino.

◆ Despertar uma atitude de compreensão face às distorções ainda vigentes, inclusive na estrutura exageradamente masculina da Vida Religiosa e da Igreja.

4. **ORIENTAR A FORMAÇÃO DOS JOVENS RELIGIOSOS PARA:**

◆ Remover, progressivamente, obstáculos mentais e estruturais da concepção que não favoreciam ao equilíbrio humanizador do masculino-feminino em cada pessoa e no relacionamento varão-mulher.

◆ Criar uma atmosfera que favoreça a compreensão desta nova visão e sua tradução em termos de novas atitudes e comportamentos.

◆ Incentivar encontros intercongregacionais e mistos, que ajudem o exercício do novo tipo de relacionamento.

**5. RESSALTAR A VISÃO TEOLÓGICA DO MASCULINO E FEMININO**, que não podem se realizar totalmente na relação varão-mulher, mas **SÓ ENCONTRAM SUA PLENIFICAÇÃO EM DEUS**. Assim se pode compreender a castidade por causa do Reino, que não nasce da ausência mas da superabundância do amor, e que tenta viver dentro da história, a radicalidade do Amor Absoluto.

### **III. Participação e responsabilidade da mulher na Igreja**

**1.** Cresce a consciência da igualdade entre os homens e as mulheres, embora precise ser mais esclarecida e aprofundada tanto entre a hierarquia como entre nós leigos e religiosos. A reta compreensão da igualdade elimina no conceito "mulher" o destino prefixado, qualidades obrigatórias e tarefas próprias. Como o homem, **CADA MULHER SE DETERMINA NA PROGRESSIVA CONQUISTA DO SEU SER, SEGUNDO SUA VOCAÇÃO PESSOAL**.

**2.** Para criar uma nova imagem da mulher na Igreja e na Sociedade podemos apoiar-nos sobre a exortação apostólica do Papa Paulo VI, "Valor teológico e pastoral

do culto da SSma. Virgem" (02.02.74), que coloca Maria como modelo do homem e da mulher de hoje. O Santo Padre apresenta Maria **"COMO EXEMPLO DE MULHER, PARTICIPANTE, DECISIVA NA HISTÓRIA DA HUMANIDADE"**.

Qual seria o papel decisivo das mulheres hoje na história da Igreja e da Humanidade? Buscam elas **CAMINHOS NOVOS DE PARTICIPAÇÃO NAS DECISÕES E FORMAS ATUALIZADAS DE DOM E SERVIÇO?**

**3.** Quanto a esta **IGUALDADE ENTRE HOMENS E MULHERES**, bem como quanto ao problema geral da responsabilidade feminina na Igreja, é importante:

**INFORMAR** aos Bispos, Presbíteros, Religiosos, às bases da Igreja para que se valorize o serviço eclesial da mulher.

**INFORMAR** à opinião pública, mostrando as tarefas valiosas, que as mulheres exercem em diversas áreas da Igreja, o que é mais válido que uma demonstração teórica dos direitos e da capacidade da mulher.

**EDUCAR** para a Responsabilidade:

◆ Confiando responsabilidades às mulheres na Igreja (é difícil medir capacidades, sem experimentá-las).

◆ Associando as mulheres às decisões.

**OFERECER ÀS MULHERES IGUAIS OPORTUNIDADES DE QUALIFICAÇÃO CULTURAL**, que as preparem para seu serviço

na Igreja: Estudos Superiores, teológicos inclusive, e, em geral, uma formação religiosa profunda, que capacitarão a mulher para assumir tais responsabilidades.

◆ Que Bispos e Presbíteros contribuam para uma **MUDANÇA DE MENTALIDADE E DE ATITUDES NA IGREJA** no que toca o relacionamento homem-mulher, o reconhecimento dos direitos e responsabilidades da mulher, a criação de condições que permitam à mulher demonstrar sua ação e seus valores. Diálogo, encontros, seminários de estudo em conjunto serão instrumentos desta mudança.

**SUPERAR OS CONDICIONAMENTOS DE UMA FORMAÇÃO HUMANA E ECLESIAÍSTICA NÃO RARO ANTI-FEMINISTA E APOIADA** unilateralmente numa perspectiva masculina.

**MANTER ABERTO O DEBATE E APROFUNDAR O ESTUDO SOBRE A NATUREZA DOS MINISTÉRIOS** e a participação das mulheres nos mesmos; particularmente, verificar se há razões bíblicas e teológicas para confiar o sa-

cerdócio ministerial somente aos homens e explicitar outros eventuais motivos pelos quais a Igreja mantém esta tradição.

#### **4. FORAM LEVANTADOS ALGUNS QUESTIONAMENTOS SOBRE A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NOS MINISTÉRIOS:**

◆ Por que razões algumas religiosas e leigas pleiteiam certos ministérios? Por que algumas desejam mesmo o presbiterato?

◆ Religiosas esclarecidas vêm o exercício dos ministérios como decorrente de uma vocação pessoal e não uma relação necessária entre vocação religiosa e ministério.

◆ Muitos consideram que a participação na criação e no serviço de comunidades cristãs, suscitando a corresponsabilidade de todos, é mais importante do que assumir funções ministeriais institucionalizadas.

◆ A vitalidade das comunidades cristãs faz surgir novas formas de ministérios, que não podem ser reduzidas a um modelo uniforme.

# SUBSI- DIARIEDADE

Este trabalho escrito pelo Pe. Germano Lesage, OMI para a Conferência dos Religiosos do Canadá, não é a última palavra nem tem a pretensão de ser uma resposta definitiva. Levanta apenas questões sobre a direção mais democrática pela qual se encaminha o governo na Igreja. Os Superiores Maiores do Canadá, respondendo a uma pesquisa realizada em 1972, sublinharam os seguintes pontos:

**Primeiro:** Subsidiariedade, descentralização, animação: como conciliar concretamente estas diversas dimensões?

**Segundo:** Como conciliar autonomia provincial, unidade da Congregação, respeito pelas pessoas, unidade comunitária?

**Terceiro:** A subsidiariedade aplicada à vida religiosa: sentido, funcionamento, prática.

**Quarto:** O papel do Superior hoje: em plano local, provincial, geral.

**Quinto:** Como respeitar o ritmo das pessoas, e ao mesmo tempo, ajudar a conseguir os objetivos do grupo?

**Sexto:** Os laços da pertença à comunidade, particularmente em nível provincial e geral?

## UMA MANEIRA NOVA DE GOVERNAR

Na vida religiosa como na vida eclesial, o Concílio Vaticano II introduziu uma relevante perspectiva: a preeminência da pessoa sobre a instituição. Esta ótica, exposta de maneira doutrinal no **Decreto Perfectae Caritatis** se concretizou praticamente no motu próprio **Ecclesiae Sanctae**, pela qual a Santa Sé confiou a cada comunidade a responsabilidade de rever suas constituições e suas normas de vida.

Esta atitude, consagrada pela Constituição **Lumen Gentium**, admite na Igreja uma corrente de pensamento resultante de princípios da filosofia personalista, como ainda da evolução cultural e da politização democrática contemporâneas. Tudo parte da afirmação de que a pessoa humana "é e deve ser o princípio, o sujeito e o fim de todas as instituições", **Gaudium Et Spes**, 25.

Esta vontade de busca e de conscientização é particularmente viva nas comunidades religiosas onde o destino e a felicidade da pessoa aparecem, mais do que em qualquer outro lugar, como razão de ser das instituições. Esta fonte da dignidade, da liberdade e da responsabilidade individuais se exprime em plano sócio-jurídico pela palavra subsidiariedade.

## 1. Sentido do princípio da subsidiariedade

O princípio da subsidiariedade é uma fórmula relativamente nova que ainda não está adequadamente elaborada nem existe uma definição clássica. Entretanto, o pensamento eclesiológico e canônico pós-conciliar oferece diversos elementos que, interrelacionados, oferecem uma significação suficientemente nítida.

### Finalidade ou papel

Foi para exprimir de maneira concisa a posição do Estado em relação à pessoa que se começou a utilizar a palavra subsidiariedade. Este binômio pessoa-sociedade se encontra particularmente sublinhado na vida consagrada. Daí a necessidade, muito mais do que na área civil, de uma elucidação doutrinal. A palavra estabelece um parâmetro essencial de governo comunitário.

Pode-se dizer que a finalidade global da subsidiariedade "é promover o pleno desenvolvimento do homem no seio da sociedade." Neste sentido "o desenvolvimento da sociedade deve se dar em proveito

da pessoa e não em seu prejuízo"(1). Este princípio: a sociedade colocada a serviço da pessoa, deve estar "subjacente a toda reforma das instituições eclesiais". É em função desde dado básico que a renovação da vida religiosa deve ser também compreendida, planificada e executada. Do contrário, a reforma será inadequada e ineficaz.

### Elaboração histórica

O princípio da subsidiariedade foi inicialmente formulado por Pio XI com relação à autoridade do Estado. Isto se deu em 1931, na encíclica **Quadragesimo Anno**. Pio XI sustentava, como dever que incumbe à sociedade civil, "servir de sustentáculo para os membros do corpo social, jamais absorver ou aniquilar" (2).

Pio XII retomou o princípio mostrando que ele poderia ser aplicado na área eclesial. Ele declara, a 20 de fevereiro de 1946, que as expressões de seu predecessor valem também "para a vida da Igreja sem prejuízo de sua estrutura hie-

rárquica” (3). Ele entende que a subsidiariedade da comunidade eclesial, em relação aos fiéis, é caracterizada pela organização querida por Cristo que institui na Igreja uma autoridade hierárquica autônoma.

O Concílio Vaticano reportou-se várias vezes aos valores expressos pelo princípio da subsidiariedade, mas não o definiu nem mencionou os fundamentos de sua aplicação na vida da Igreja. Posteriormente, a 7 de outubro de 1967, o Sínodo dos Bispos aprovou seu teor geral e seu uso com uma votação significativa: 128 placet; 58 placet juxta modum; um non placet. Esta afirmação, todavia, não tomou feição alguma concreta e prática.

Enfim, em 27 de outubro de 1969, Paulo VI declara que “não hesita em admitir o princípio da subsidiariedade na sua aplicação fundamental,” mas sugere que se aprofunde ainda seu estudo (4).

### Origem etmológica

A palavra subsidiariedade, que vem do latim **subsidium**, é uma palavra de cunho militar. Designa um corpo de reserva destinado a socorrer o exército regular quando este não for suficiente para a missão. Com o tempo, o termo começou a significar um simples recurso ou auxílio em sentido geral. Na jurisprudência, subsidiário é tudo aquilo que ajuda o que é principal.

É com este último sentido que se emprega correntemente o termo, hoje. Em virtude do princípio da subsidiariedade, a sociedade, a insti-

tuição ou a autoridade, deve vir em ajuda à pessoa, considerada como a realidade principal.

Na vida religiosa, a subsidiariedade significa paralelamente a ajuda que a comunidade e, a autoridade que ela postula, oferece a todos os membros em vista da realização da sua vocação pessoal.

### Sentido real

É, portanto, válido definir a subsidiariedade, de maneira teórica, como um subsídio exterior que supre a insuficiência de um indivíduo incapaz de executar seu papel conatural. Como se vê, o princípio de subsidiariedade diz respeito à organização ou à estrutura da sociedade da qual o homem tem necessidade para se desenvolver. O termo se aplica às vezes também às relações entre o indivíduo e a sociedade e às relações das diversas sociedades entre si.

Numa dimensão pessoal, o princípio de subsidiariedade “exige que a sociedade não execute aquelas funções que o indivíduo está capacitado para executar” (5). Em sua dimensão social, o princípio quer que “a grande comunidade não suplante a pequena na execução de tarefas de que esta é capaz; que a grande comunidade não possa intervir sem necessidade nas atividades da pequena comunidade,” bem entendido, que a pequena comunidade seja capaz de perscrutar, discernir e equacionar seus problemas (6).

Este princípio da subsidiariedade é fundamentalmente uma norma de

estruturação de grupos e não uma regra espiritual e psicológica de conduta. Na vida religiosa é, principalmente pelas constituições, expressão de um carisma evangélico e de uma missão eclesial, que os valores da subsidiariedade se exprimem de uma maneira concreta.

### **Adaptação eclesial**

Na área civil, a autoridade é comunicada aos governantes de modo democrático pela atuação da sociabilidade do cidadão. Ele tem o poder de escolher, de acatar ou de rejeitar seus chefes segundo as exigências do bem. Neste caso o princípio da subsidiariedade impõe uma intervenção mínima do poder público naqueles setores onde o cidadão for suficiente a si mesmo. Mas na Igreja, revela-se uma feição diferente, porque não é o povo fiel a fonte da autoridade, mas Cristo que confiou à hierarquia pastoral, uma missão e um poder próprios, no tríplice domínio: da verdade evangélica, do culto sacrificial e sa-

cramental, da regência, direção ou diaconia comunitária.

Deus quis que seu povo fosse estruturado de modo definido. Dotou-o de um episcopado de caráter colegiado, coroado pelo primado do sucessor de Pedro (7). Assim os dois principais setores se harmonizam na Igreja: o setor dos ministérios ou da direção pastoral; e o setor dos batizados ou da assembléia do povo de Deus. Sendo assim, o primeiro setor não é simplesmente subsidiário do segundo, como se os pastores devessem intervir somente quando os fiéis mesmos não pudessem realizar suas tarefas ou como se os batizados, desprovidos do sacramento da ordem (o episcopado, o sacerdócio e o diaconato) pudessem exercer as funções que convêm especificamente aos pastores em virtude do mandato recebido de Cristo. É no interior de cada um destes setores: o setor da vida cristã de uma parte e, o setor da responsabilidade pastoral, de outra, que o princípio de subsidiariedade pode ser aplicado na Igreja.

## **2. Aplicação à vida religiosa**

De acordo com a Constituição **Lumen Gentium**, os religiosos são dotados, como os pastores e os leigos, de uma missão evangélica específica e oficial. Nenhum setor pode se atribuir as funções próprias dos demais. Mas no interior de sua própria área, dentro da vida consagrada, seus componentes devem estruturar sua própria vida comunitária de modo que a subsidiariedade cumpra seu papel essencial. Este

papel consiste globalmente em assegurar um equilíbrio harmonioso, de uma parte, entre as pessoas e as instituições ou a autoridade; e, de outra, entre as diversas instituições.

### **Primado dos valores pessoais**

Um observador perspicaz nota com facilidade que a renovação da vida religiosa deve ser muito mais do que modificação de terminologia ou de uma simples adaptação às

condições modernas da vida. Trata-se bem mais de um redimensionamento dos objetivos e, conseqüentemente, das instituições destinadas a garantir a autenticidade eclesial da vida consagrada.

Um simples relance d'olhos sobre a história sublinha dois fatos que inspiraram as antigas estruturas do estado religioso. O primeiro é que as comunidades fundadas depois do Concílio de Trento seguiram uma corrente eclesiológica que insistia fortemente sobre a autoridade hierárquica, talvez para contrabalançar o livre exame dos protestantes. O outro fato se descobre na objetivação das intenções comunitárias. Os fundadores e seus primeiros discípulos visavam, de acordo com as exigências da perfeição cristã, a uma obra precisa de bem-estar material ou espiritual. Deste modo, o instituto religioso aparecia espontaneamente como um grupo de pessoas submetidas a uma autoridade para melhor atender à própria perfeição e trabalhar mais eficazmente nesta obra. A pessoa mesma do religioso se defrontava com o objeto desejado e com o corpo comunitário.

Uma reviravolta profunda das situações históricas deixa, de agora em diante, na vida religiosa, a perspectiva original que seria a comunhão — **koinonia** — de pessoas que buscam sua felicidade na realização de uma missão eclesial específica. Fica então projetada, em primeiro plano, do estado de consagração uma tríplice realidade: a preeminência da pessoa, o primado de sua liberdade, o respeito a sua personalidade.

## Preeminência da pessoa

Nas pegadas de Pio XI, invoca-se frequentemente a regra da subsidiariedade para afirmar a preeminência da pessoa sobre a sociedade. Esta verdade, ensinada por Santo Tomás de Aquino (8) e retomada pelo Concílio, significa que a "pessoa é o princípio, o sujeito e o fim de todas as instituições". Assim, toda sociedade, toda comunidade, todo grupo tem por finalidade essencial, em virtude de seu papel complementar próprio, ajudar a pessoa a conquistar sua perfeição, isto é, a encontrar a felicidade, conforme um apelo único que é só dela.

A exigência psicológica da vida consagrada, torna-se radicalmente outra. O religioso não existe para a comunidade, mas a comunidade existe essencialmente para cada um de seus religiosos. A comunidade se revela como conjunto de pessoas mutuamente interessadas, numa meta comum, buscada numa harmonia de tarefas e de uma missão idêntica. Para que esta comunhão traga realmente apoio e segurança, a Igreja quer que ela se organize conforme caminhos aprovados.

Resulta desta ótica personalista que cada religioso deva ser adulto em seu julgamento e em sua vocação, possuir a lucidez e a maturidade necessárias para assumir ele mesmo a responsabilidade de sua felicidade. Isto supõe algo mais do que o equilíbrio da vida individual. Supõe uma participação dinâmica e ordenada; supõe a entreaajuda comunitária.

Porque se consegue o desenvolvimento pessoal, no estado eclesial de consagração, através da comunidade, cada um deve contribuir com uma quota respeitável. Esta fonte eficaz do bem comum, que se chama presentemente participação, resulta às vezes, da personalização ou da materialização de uma consciência reta e esclarecida, e da socialização ou engajamento firme na entreajuda fraterna.

### **Primado da liberdade**

A preeminência da pessoa sobre o grupo social sublinha o primado da liberdade individual. Este postulado, que começa a se estabelecer nas comunidades religiosas, não se implanta sem causar traumatismos.

Pessoas habituadas a executar, sem discernimento, ordens mandadas pela autoridade de tipo paternal ou maternal, sentem-se diminuídas diante da necessidade de elaborar e assumir suas próprias condutas. De outro lado, repugna a espíritos modernos, formados por uma sociedade cada vez mais democrática, a imposição de cima para baixo de formas de viver. Daí resultam mal-estar e erros, inevitáveis num processo de experimentação de novos caminhos. Malgrado tudo isto, resta que a vida religiosa, tal como se tenta viver hoje, supõe uma liberdade pessoal esclarecida e dinâmica. Será preciso, sem dúvida alguma, caminhar ainda para se chegar lá.

Esta liberdade outra coisa não é, senão a busca de uma meta seguindo os ditames da própria consciência.

Constata-se precisamente, neste sentido, um fenômeno de conscientização progressiva e que se avoluma para cada um, a respeito de sua vida, de sua felicidade, de seu apelo e de sua missão. É preciso sair do próprio individualismo e se abrir à participação comunitária percebida como uma necessidade de desenvolvimento pessoal. Se o homem não consegue a felicidade para a qual sua consciência não pôde orientar eficazmente sem cair na anarquia e na desordem, ele precisa então se basear em outra ordem, ordem querida por Deus para o homem e para o crente.

A liberdade, cujo primado o princípio de subsidiariedade protege, é um ato espontâneo e consciente de pessoas adultas que encontram na vida religiosa a complementariedade necessária ao êxito de seu eu interior e de seu engajamento temporal e evangélico. Assim, o princípio de subsidiariedade torna-se uma regra de discreção nas intervenções da autoridade e poderia se traduzir assim: Toda a liberdade que for possível. Só a autoridade que for necessária (9). Conforme uma declaração conciliar é preciso que "o máximo de liberdade seja reconhecido ao homem e que ele não seja estrangido a não ser naquele necessário e na medida em que o impuser", **Dignitatis Humanae**, 7.

Na vida religiosa, a liberdade não pode se medir como é medida na vida civil e leiga. O apelo à vida consagrada exige uma escolha e, portanto, uma limitação, de objetivos a perseguir e de setores onde se evoluir. A pessoa que abraça a vida

consagrada se engaja, livremente por certo, a obedecer a um superior imposto pela Igreja conforme constituições precisas por ela aprovadas. Então, conforme a expressão de Pio XII, seria "erro e extravagância" afirmar que no estado religioso é necessário "afrouxar as rédeas tanto quanto possível". Esta vocação é pelo contrário "uma livre imolação da liberdade". A subsidiariedade implica, portanto, uma liberdade máxima de acordo com as constituições e que não seja constrangida a pessoa a não ser no necessário e de acordo com as mesmas constituições.

### **Respeito à personalidade**

A vida religiosa não poderia ser concebida como um quadro preestabelecido onde se conjugam forças de indivíduos obrigados a sacrificar seus valores pessoais. Ela precisa ter, pelo contrário, uma concepção maleável, onde as pessoas respondendo a um apelo semelhante encontram juntas um caminho que permite se reconhecer a si mesmas, se desenvolver, se engajar.

Não é o instituto que dá aos seus membros a vocação, mas é cada uma das pessoas da comunidade que, depois de ter ouvido um apelo íntimo e caracterizado do Senhor, responde com toda espontaneidade e dinamismo de sua consciência e de sua liberdade. Unem-se para mais facilmente alcançar, num conjunto fraterno onde o estilo de vida possui a garantia eclesial da autenticidade. Por assim dizer, cada novo professo funda a comunidade que abraça.

O princípio de subsidiariedade assegura êxito no projeto pessoal de cada um dos religiosos afirmando que sua personalidade deve ser respeitada. O religioso leva para um grupo fraterno suas características individuais, que são únicas, e que fazem dele o que realmente ele é aos olhos de Deus. Estes traços da natureza são possibilidades dinâmicas que devem se desenvolver, crescer, de maneira harmoniosa. As estruturas comunitárias não podem comprimir estes valores pessoais autênticos, mas devem garantir seu desenvolvimento harmonioso num ambiente de fraternidade evangélica.

Os responsáveis pelo bem comum, na vida consagrada, não podem ser autocratas que governam conforme seus caprichos. Mandatários oficiais da Igreja como responsáveis por uma missão comum e pela felicidade de cada um dos religiosos, eles devem "agir respeitando devidamente a pessoa humana", **Perfectae Caritatis**, 14.

### **Espírito personalista das estruturas**

O princípio da subsidiariedade, além de assegurar o primado da pessoa sobre o grupo, exige que no interior mesmo do grupo, as estruturas ou instituições sejam concebidas e regidas de tal modo que elas favoreçam ao máximo a felicidade pessoal. Debaxo deste conceito de subsidiariedade estão englobadas três normas sociais: a hierarquização dos poderes, a descentralização das responsabilidades, a autonomia das funções.

## **Hierarquização dos poderes**

A autoridade comunitária é essencialmente estabelecida para promover a harmonia e o dinamismo de uma entreatada, autenticada pela Igreja e que visa o bem comum de cada um. Também, desde que a sociedade é constituída de grupos distintos, é preciso constituir estruturas que coordenem criteriosamente os serviços comunitários. Encontram-se normalmente nos grandes institutos de vida consagrada três áreas tradicionais: local, provincial, geral.

A eficácia das estruturas é assegurada por uma distribuição equilibrada das funções nos grupos, mais ou menos amplos, conforme a natureza das responsabilidades assumidas. O objeto da autoridade geral, provincial e local, deve ser fixado pelas constituições conforme os carismas dos fundadores e dos membros, de maneira que convenham aos meios, aos fins e às obras.

É preciso realmente que aos responsáveis gerais caiba tudo o que respeita ao conjunto da comunidade: seu espírito, sua missão, sua espiritualidade e de maneira generalizada, sem particularizar os elementos de ordem temporal e espacial. É preciso ajuntar a isto os deveres de uma instância superior, à qual os organismos de menor envergadura possam recorrer em caso de conflito.

Os superiores provinciais são normalmente responsáveis pelas atividades específicas de um determinado território ou de um grupo de religiosos. Cabem-lhes, sobretudo, questões que devem ser seguidas

mais de perto e que concernem simultaneamente às várias casas, como por exemplo: orientações apostólicas que dependem em boa parte das Igrejas locais; assuntos financeiros, regidos por leis civis.

Quanto aos responsáveis pelas casas ou pelas comunidades de base, têm por missão própria a coordenação das relações interpessoais e de tudo o que diz respeito aos elementos particulares ou concretos da vida diária.

## **Descentralização das responsabilidades**

A subsidiariedade, originariamente preconizada por Pio XI só para a sociedade civil, reserva às pequenas sociedades, famílias e associados profissionais, diversas prerrogativas que são do direito natural e que se impõem como tais ao Estado. Numa comunidade religiosa, os direitos das casas, das províncias, do instituto inteiro, são todos igualmente determinados pelas constituições. O código da descentralização não é um direito de origem superior, mas o dinamismo de entreatada comunitária em vista de um melhor serviço às pessoas. A felicidade pessoal exige sempre diretivas espirituais gerais, normas pastorais ou financeiras provinciais, costumes locais de fraternidade, de oração e de trabalho. O que deve, pois, inspirar a descentralização é a melhor distribuição possível, pelos diversos setores de coordenação e de direção das responsabilidades que são os os meios que estão ao alcance de quem assume diretamente.

Torna-se evidente que a descentralização se impõe sobretudo na área das relações interpessoais e dos atos exteriores e correntes da vida diária. Esta área deve ser reservada, portanto, à comunidade local, conhecedora do pessoal de que dispõe para as várias tarefas. Esta constatação é de suma importância para a casa, a residência, a fraternidade, importância que se justifica pelo conhecimento mais exato das situações concretas e das mesmas pessoas, como ainda pela possibilidade de um diálogo mais profundo e constante dos religiosos e de seus responsáveis.

Pode-se concluir que uma aplicação do princípio da subsidiariedade é a sugestão de que as decisões sejam tomadas, tanto quanto possível, por aqueles mesmos que as devem observar.

### **Autonomia das funções**

O bem comum não é outra coisa, diz Santo Agostinho, que a estabilidade da ordem. Não se trata de uma estabilidade que seja imobilismo, nem de uma ordem que caracteriza um quartel. Estabilidade para dizer continuidade. Ordem para significar dinamismo. Esta ordem consiste numa disposição equitativa dos elementos diversos do grupo de acordo com o lugar que convém a cada um. É a justa distribuição das funções.

Uma vez que estes diversos serviços comunitários foram adequadamente distribuídos, é preciso que aqueles que têm a responsabilidade possuam grande autonomia de ação. Eis porque o motu próprio *Ecclesiae*

*Sanctae* prescreve que “nos diversos escalões, os superiores sejam munidos de poderes oportunos de maneira a evitar a recurso inútil e muito frequente às autoridades superiores”.

Esta autonomia de funções deve ser respeitada não somente pelas mesmas autoridades que não devem intervir indevidamente em outra jurisdição que não a própria, mas também pelos religiosos que, a menos que motivos superiores o exijam, não recorram a instâncias superiores sem as razões previstas pelas normas comunitárias.

### **Conclusão**

Em tudo, como na Igreja de que se constitui uma célula, a comunidade religiosa é uma auxiliar da pessoa. Os cristãos que aí se associam buscam uma complementariedade social que os ajude na conquista da felicidade, da libertação e da orientação requeridas para o desenvolvimento e realização de sua vocação divina e eclesial.

### **NOTAS**

1. METZ, RENÉ, *La subsidiarité, principe régulateur des tensions dans l'Eglise*, Revue de Droit Canonique, 22, 1972, páginas 155-177.

2. *Acta Apostolicae Sedis*, 23, 1931, página 203.

3. *Acta Apostolicae Sedis*, 1938, 1946, página 146.

4. *Acta Apostolicae Sedis*, 61, 1969, página 729.

5. METZ, R., o. c., página 159.

6. Idem, página 159.

7. *Lumen Gentium*, 18.

8. *Suma Teológica*, primeira parte, questão 29, artigo 3, corpo.

9. UTZ, A., *Philosophie du Droit*, tomo 2, página 16.

10. *La Documentation Catholique*, 47, 197, col. 1674.

# LIVROS NOVOS

**SINTESE**, Nova Fase. Volume I, Nº 2, julho/setembro 1974. Edições Loyola. Páginas 144.

Já apresentamos **SINTESE** nas páginas de **CONVERGÊNCIA**. Este segundo número registra os seguintes trabalhos: 1. O desafio atual à linguagem teológica latino-americana sobre libertação, **Pe. Juan Carlos Scannone**, decano da Faculdade de Filosofia da Universidade de Salvador, Buenos Aires. 2. A figura carismática de João XXIII e seu programa conciliar de aggiornamento, **Pe. Álvaro Barreiro**, colaborador de **CONVERGÊNCIA**, professor de Teologia na PUC-Rio. 3. O marxismo científico de Louis Althusser, **Pe. Tomás Cavazzutti**, Professor de Filosofia na Universidade Católica de Salvador, Bahia. 4. Reflexões Teológicas sobre a salvação, **Pe. João Batista Libânio**. 5. A política demográfica do Brasil, **Pe. José Carlos Aleixo**, da Universidade de Brasília.



**A PSICOLOGIA DO AJUSTAMENTO NEURÓTICO**, Cristina Sodré Dória. Editora Vozes. Ano 1974. Páginas 112.

Este livro é fruto de muitos anos de estudos, de pesquisas e sobretudo de magistério. A própria autora, Madre Maria Cristina Sodré, das Cônegas de Santo Agostinho, Catedrática de Psicologia da PUC-SP, o chama de **manual** e o recomenda quase exclusivamente aos alunos de psicologia. E assim, não pretende que o livro seja original ou uma síntese definitiva e exaustiva do assunto. Existe originalidade, entretanto, na linha de seu método claro e límpido de expor, bem como na sua modalidade pedagógica.

"Optamos conscientemente pela apresentação do trabalho numa forma de exposição sucinta e sempre inacabada. Isto com o premeditado intuito de desencadear dúvidas e questionamento do aluno, sempre convocado com um pensamento crítico. Portanto, o que primordialmente se visa é conseguir instrumentar o estudante para que ele atue como um ser que se interroga, que questiona, que contesta e transforma o mundo, com adequado embasamento teórico."

Não se trata de um estudo completo de psicologia do ajustamento. Tocando

só de leve nos diversos padrões de ajustamento ou desajustamento, o livro aprofunda as lições básicas e sobretudo os mecanismos de ajustamento.



**O ESPAÇO RECONQUISTADO**, Bella Jozef. Editora Vozes. Ano 1974. Páginas 152. Linguagem e criação no romance hispano-americano contemporâneo.

Pela primeira vez, no Brasil, um estudo em profundidade e minucioso da obra dos principais representantes do chamado **boom** hispano-americano, no campo da literatura. A leitura crítica aqui realizada é uma auscultação do processo ficcional e seu percurso no século XX, tendendo à análise integral de suas estruturas, em torno justamente dos mais famosos narradores hispano-americanos. Os resultados deste trabalho estão na sua inserção no contexto da cultura de nossa sociedade de consumo.

Como toda interpretação crítica, este livro resulta de um diálogo entre o texto e aquele que o lê, que o interroga. A imagem da criação literária que o oferece é, assim, um intento válido de pensar a obra literária e seus instrumentos. Toda literatura é uma pergunta: Que significam as coisas, o mundo? E não poderá estender sua interpretação ao discurso sem passar pela observação de certas técnicas. E se a história da literatura é a história destas técnicas não é porque a literatura seja apenas técnica, mas porque esta é o único poder capaz de suspender o sentido do mundo e manter aberta a questão imperativa que lhe é dirigida.

Um livro dedicado a professores, alunos e estudiosos de literatura e interessados nos problemas da contemporaneidade. Da mesma autora a Editora Vozes já publicou **História da Literatura Hispano-americana**, adotada em muitas Faculdades do Brasil.



**TÉCNICAS DE EXAME PSICOLÓGICO E SUAS APLICAÇÕES NO BRASIL**, Odette Lourenção Van Kolck. Editora Vozes. Ano 1974. Páginas 434.

O trabalho apresentado neste livro corresponde, pela sua originalidade e pelo seu aspecto estritamente pessoal, a uma necessidade dos currículos de nossas Faculdades e ao desejo também de nossos profissionais da área, de terem em mãos, num único livro, uma seleção suficientemente completa e didática dos principais testes atualmente em uso.

O aspecto didático e original da obra se manifesta sobretudo em quatro pontos: **a sistematização geral da distribuição**, em partes e capítulos, que obedecem a um esquema próprio decorrente da maneira peculiar de abordar os testes como um todo. Um **plano uniforme de apresentação de cada teste**, segundo tópicos considerados relevantes para completa caracterização do instrumento. **A existência de uma apreciação** sobre o teste em estudo. **A menção aos trabalhos brasileiros** sobre o teste analisado, assim como realce aos testes de origem e adaptação brasileiras.

Este último aspecto merece destaque social, pois nele reside certamente o maior mérito do livro e sua principal contribuição para a literatura especia-

lizada. O livro consta de dois volumes, com o mesmo título genérico. O primeiro é este que apresentamos, sobre **Testes de Aptidões**. O segundo, a sair em breve, trata dos **Testes de Personalidade**. A obra visa aos mestres e estudantes dos Cursos de Psicologia Educacional e aos Institutos e Clínicas especializadas.

A autora é livre-docente do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo e Chefe do Departamento de Psicologia Clínica.

●

**O NOVO POVO DE DEUS**, Joseph Ratzinger. Tradução do original alemão **Das neue Volk Gottes**, de Clemente Raphael Mähl. Edições Paulinas, Ano 1974. Páginas 382.

"Este livro pretende explicar mais as obras eclesiológicas que foram escritas nos últimos quinze anos. Cada obra pôde contar com determinado contexto histórico em que nasceu. A presente obra quer manter seu caráter querigmático. Não me pareceu justo acrescentar bibliografia nova à elaboração já existente nesta obra, pois o que justifica a nova publicação de uma obra só pode ser o conteúdo de cada questão. Houve apenas algumas modificações, onde se fazia necessário repensar, explicitar melhor ou ampliar o conteúdo. Neste praticamente nenhuma parte resultou igual ao que era antes.

As questões sobre a teologia do concílio e sobre a exclusividade da salvação na Igreja, foram quase que totalmente refundidas. Refeitos foram também os estudos a respeito do primado e do episcopado. Embora fruto de circunstâncias casuais, espero que este

livro possa contribuir para uma compreensão melhor da eclesiologia," J.R.

●

**O CATOLICISMO BRASILEIRO EM ÉPOCA DE TRANSIÇÃO**, Thomas Bru-  
neau. Tradução do original inglês **The political transformation of the Brazilian Catholic Church**, de Margarida Oliva. Edições Loyola. Ano 1974. Páginas 444.

A preocupação central do autor é acompanhar a evolução do modelo que presidiu, no Brasil, às relações entre a Igreja e o Estado.

A primeira parte, intencionalmente breve e densa, evoca o passado. Sem se perder em minúcias episódicas, o autor descobre um movimento pendular entre Igreja e Estado nos períodos colonial e imperial, o conflito e a separação com o advento da República, e a busca de reintegração na Segunda República.

Sua análise conseguiu perceber que no conflito da separação republicana, a Igreja no Brasil perdeu a sua primeira grande chance histórica. Libertada dos comprometimentos políticos que a envolviam e dominavam no modelo da união imperial, da religião de Estado, não soube compreender a oportunidade privilegiada que lhe era oferecida de voltar-se para o povo, de preservar-se como Igreja livre num Estado livre. Nem faltaram os arautos que a advertiam sobre o caminho a seguir. Entre estes a figura eminente do Padre Júlio Maria, cuja grandeza histórica não foi devidamente reconhecida.

Perdida a chance, mesmo sob o modelo oficial da separação, volta a se restabelecer um relacionamento de barganha de prestígio, no qual dois prota-

gonistas desempenhariam um papel decisivo, o Cardeal Leme pelo poder espiritual e Getúlio Vargas pelo poder temporal. Este precisava da Igreja para as manobras solertes de sua política. A Igreja que despertava para a promoção do laicato através da Ação Católica, precisava do Governo, para as dotações necessárias às novas obras que criava, especialmente no campo do ensino superior.

A segunda parte, focalizando o período 1950-1964, analisa o comportamento da Igreja enfrentando um mundo moderno. No fundo, ela se sente raptada por um mundo que se secularizava, por um mundo atravessado por correntes ideológicas que ela não mais controlava e para responder a estes desafios, ela não se sentia interiormente livre, presa às dependências que herdara do período anterior. Ganhou ainda uma batalha no campo da educação: a Lei de Diretrizes e Bases.

Mas quando os afrontamentos explodiram no campo da mudança social, quando se experimentava a pressão da urgência de reformas estruturais, ela percebeu que suas formulações não encontravam mais eco, não ouviram mais a realidade. O mundo profano já era adulto e dispensava a sua tutela. O Partido Democrata Cristão, pelo qual ela aceitava disputar seus interesses no confronto democrático, não conseguiu afirmar-se como força política.

A terceira e quarta parte, as mais importantes do trabalho, retratam as tergiversações da Igreja, na busca do modelo, que deverá presidir suas relações como o novo regime instalado a partir de 1964. O novo Governo é acolhido com discreta simpatia, mas cedo

haveria de esboçar o conflito. A Igreja via com apreensão a extensão do processo repressivo e o robustecimento de um modelo sócio-econômico que excluía a participação popular e exigia um excessivo preço social em favor de um desenvolvimento econômico de tipo concentracionário.

Num momento se sentiu despreparada para a enorme responsabilidade profética que lhe era devolvida e na qual ela procura encontrar agora o sentido autêntico de sua missão. O público brasileiro deve sentir-se agradecido a Thomas Bruneau, a este pesquisador probo e isento, que pacientemente acumulou e analisou um impressionante volume de informações que permitem situar com nitidez o desafio do catolicismo brasileiro, numa época de transição. **Pe. F. Bastos de Ávila. SJ.**

---

## RECEBEMOS E AGRADECEMOS

---

**EVOLUÇÃO DA FÉ NA CRIANÇA,** Irmã Terezinha Batista, OSF. Edições Paulinas. Ano 1974. Páginas 70. Uma pesquisa feita em Paraíba e Pernambuco, sobretudo, nas diversas classes sociais de Recife. "A criança crê por causa do adulto, mas sem se dar conta, vivendo esta verdade como se fosse sua" (J. M. Pholer). **O MUNDO DA BIBLIA,** Josef Scharbert. Tradução do original alemão **Das Sachbuch zur Bibel,** de Pe. Frederico Dattler, SVD. Editora Vozes. Ano 1974. Páginas 244.

●  
Coleção Estudos da CNBB: Primeiro volume: **ESPIRITUALIDADE PRESBITERIAL HOJE.** Edições Paulinas. Ano 1974.

Páginas 104. Segundo volume: **IGREJA E POLÍTICA, SUBSÍDIOS TEOLÓGICOS**. Edições Paulinas. Ano 1974. Páginas 56. Terceiro volume: **COMUNIDADES: IGREJA NA BASE**. Edições Paulinas. Ano 1974. Páginas 200. Desde os primeiros esforços do Plano de Emergência da CNBB e sua ampliação no Plano de Pastoral de Conjunto (1966-1970), aparecem as dimensões comunitárias da vivência eclesial, como uma constante preocupação. O sopro do Espírito, que antecedeu e seguiu a realização do Concílio Vaticano II, sempre levou zelosos pioneiros a se preocuparem com as condições de participação e de comunhão dos fiéis em nossas comunidades. Uma grande intuição começou a aflorar no momento em que, sensíveis a sacramentalidade da Igreja e às grandes mudanças inerentes ao pluralismo das diferentes regiões do país, percebeu-se a necessidade de redescobrir a fraternidade cristã, nas suas raízes mais fundamentais. As Comunidades Eclesiais de Base ou na Base, são tentativas de responder àquelas intuições, que marcam hoje decisivamente os rumos da pastoral no Brasil.

●

**O PÃO DA VIDA**, Frei João José Barbrock, OFM. Preparação para a primeira eucaristia. Editora Vozes. Ano 1974. Páginas 96.

Importante para o catequista é lembrar permanentemente que o mundo da criança é simples e que portanto Deus deve ser apresentado de um modo simples. Com este conselho, que poderia parecer a coisa mais óbvia do mundo, mas que é tantas vezes esquecido, o autor abre este livrinho. Trata-

se de planos de aula para ajudarem na preparação das crianças para a primeira eucaristia. É um livro escrito diretamente para catequistas.

Os esquemas das palestras são muito simples, frutos de longa experiência e de muito êxito. O que o livro exige por parte dos alunos é apenas um catecismo comum e um caderno para anotações. O resto é a vivência dos assuntos explanados com clareza e de maneira interessante. O PÃO DA VIDA certamente será recebido com entusiasmo pelos nossos vigários, catequistas e professores de religião, que com ele terão mais uma alternativa na escolha de seus textos catequéticos.

●

**FORMAÇÃO DO CATOLICISMO BRASILEIRO**, Eduardo Hoornaert. Editora Vozes. Ano 1974. Páginas 144. Ensaio de interpretação a partir dos oprimidos.

São três roteiros de formação do catolicismo brasileiro que o autor apresenta durante os três primeiros séculos de nossa história. O primeiro roteiro conduz de Portugal ao Brasil com os navegadores que tiveram de transformar-se em guerreiros devido ao perigo dos índios. O segundo acompanha a organização de estabelecimentos locais agrícolas ou mineiros dependentes de centros metropolitanos e baseados em escravidão. O terceiro exprime a vida e o pensamento dos vencidos e dos deportados pela empresa colonial: os índios, os africanos e seus descendentes.

Chamamos a atenção para algumas passagens do livro importantes para a compreensão da tese defendida: as pá-

ginas a respeito do sincretismo, tanto na introdução como na conclusão do estudo; as considerações acerca do problema da linguagem que separa ricos e pobres no Brasil; finalmente a tese sobre o catolicismo popular como a expressão mais valiosa do evangelho na realidade brasileira, tese que o autor submete à reflexão e à crítica do leitor.



**CULTURA RELIGIOSA**, Irineu Wilges e Olírio Plínio Colombo, Livraria e Editora Sulina. Ano 1974. Páginas 192. A cultura religiosa como disciplina integrante do currículo de muitas escolas de segundo grau e, principalmente, dos Cursos universitários, caracteriza-se como uma visão global da evolução do pensamento religioso, através da pluralidade da experiência religiosa na história do homem. O livro de Irineu Wilges e Olírio Plínio Colombo estuda os pontos comuns de convergência das diversas religiões, como busca do transcendente. A revelação de Deus, que se manifesta na experiência religiosa espontânea e congruente do homem que assume a responsabilidade de sua vida perante o Absoluto, pervade todo o livro. Como **CULTURA RELIGIOSA** precisamos de outros títulos compreendendo estudos, pesquisas, elaborações, etc.



**VOCÊ É CHAMADO A EVANGELIZAR**, Cardeal Arns, Paulo Evaristo, Arcebispo Metropolitano de São Paulo. Editora Loyola. Ano 1974. Páginas 182.

Deus falou e fala ainda a seu povo através da palavra existencial e da palavra profética. O profeta descobre e

anuncia a palavra de Deus escondida nos acontecimentos. A missão do evangelizador no dia de hoje é realmente a do profeta. O profeta responde em nome de Deus, aos anseios do povo, levando-o a viver em comunidade; a analisar o sentido da vida; a descobrir caminhos novos para a convivência fraterna.

A evangelização se faz pelo testemunho de uma fé que anima a vida toda e que tem a pessoa de Jesus Cristo, morto e ressuscitado, como centro de todo o anúncio. Tais testemunhas existem entre nós. Deus as acordou, animando-as através de sua Igreja, a cumprirem o serviço mais essencial à humanidade. Foram elas que inspiraram estas páginas de **VOCÊ É CHAMADO A EVANGELIZAR** e que o Sínodo convida a pôr em prática diariamente.



**SACRAMENTOS E DESENVOLVIMENTO INTEGRAL**, Bertrand de Margerie. Edições Loyola, Ano 1974. Páginas 168.

O objetivo do Pe. Bertrand de Margerie neste livro é examinar a contribuição da vida sacramental do desenvolvimento pessoal e social do homem. Com grande originalidade e firme fundamentação teológica nos mostra o papel que cada um dos sete sacramentos instituídos por Cristo, desempenha na vida e crescimento pessoal e social dos que neles participam. O livro apresenta os sacramentos de um ponto de vista atraente para o homem moderno.

Qual seria a contribuição possível da vida sacramental, na Igreja, para o porvir do homem e da humanidade? O esboço que se pretende aqui delinear, embora muito parcialmente, será, em

ampla escala, uma teologia da irradiação interpessoal e sócio-econômica dos sacramentos, enquanto capazes de transformar o futuro do homem e da sociedade.

O homem age para desenvolver-se e chegar assim a visão daquele que o desenvolve, através dos sacramentos. Se os sacramentos são as estruturas da Aliança do Senhor e do seu-estar-com-os-homens, são e devem também tornar-se as estruturas da ação humana, de um agir-com-e-em-Cristo-Salvador. Os sacramentos são a estrutura do desenvolvimento sobrenatural, ao qual aspira a pessoa humana em seu desejo de ver este Deus que é Luz, Amor, Fogo devorador.

---

## RECEBEMOS DE EDIÇÕES LOYOLA

---

\* **A MÃE DAS AMÉRICAS**, Harold Rahm. Ano 1974. Páginas 152. \* **ORAÇÃO EM RÍTIMO DE VIDA**, Nelson Carloni e Rita Caiuby Crescente. Ano 1974. Páginas 80. \* **COMUNIDADES: SEITAS OU FERMENTO?**, Laurette Lepage. Ano 1974. Páginas 110. \* **PARA ORAR NO ESPÍRITO**, Haroldo Rahm e Marla Lamego. Ano 1974. Páginas 96. Uma série de singelas fábulas que nos introduzem no mundo maravilhoso da contemplação de Deus: O sapo e o peixinho, o meu burro, a pomba, o meu cavalo, a ostra, o meu cachorro, o sapo corajoso. \* **SERGINHO**, Vera Panova. Tradução do original russo por Joshua Soares. Ano 1974. Páginas 136. \* **CRISTÃOS EM PLENA VIDA**, Cardeal Arns. Ano 1974. Páginas 184. Estas páginas nasceram ao contato com a vida e brotaram, sem cálculo, do coração mesmo

dos problemas. Tentam colocar o cristão onde a vida é mais difícil. Em pleno mundo de hoje. \* **JUVENTUDE EM CRISE**, Cesar Vaca. Tradução do original espanhol *Juventud a la deriva*, de Hipólito Martínez. Ano 1974. Páginas 136.

---

## RECEBEMOS DE EDIÇÕES PAULINAS

---

\* **O DESPERTAR**, Paulo Milton de Lacerda. Ano 1974. Páginas 240. O que mais angustia agentes de pastoral de juventude é a falta de pistas para ou começar um trabalho, ou prosseguir após os primeiros passos. Este livro, fruto de oito anos de pesquisas e experiências do autor junto aos jovens, vem responder exatamente à questão. Procura mostrar como abordar os jovens pela primeira vez, como iniciá-los no caminho da vida, sem forçar etapas, sem esquecer os seus reclamos mais urgentes. Não adiantaria querer evangelizar imediatamente, apressadamente, quando os jovens estão inquietos com os problemas de dentro e de fora. O autor propõe uma tese que, apesar de assemelhar-se ao óbvio, raramente é aplicada no trabalho pastoral em todas as suas conseqüências. Os instrumentos são a maior novidade da obra. Meios concretos, flexíveis, bem testados, de promover os jovens na fé. \* **RESPOSTA A CRISTO**, Edward Carter. Tradução do original francês *Response In Christ*, de Euclides Carneiro da Silva. Ano 1974. Páginas 328. \* **OS RELIGIOSOS NA IGREJA PARTICULAR**, Jerome O'Connor. Tradução do original inglês *The Reason d'être of Religious Life*, de Afonso Ludwig. Ano 1974. Páginas 160. \* **UM**

**NOVO PENTECOSTES**, Roque Schneider e Atílio Hartmann. Ano 1974. Páginas 88. \* **DESENVOLVIMENTO DA PERSONALIDADE**, William Devlin. Tradução do original francês **Psychodynamique de la Personnalité**, de M. Cecília Duprat. Ano 1974. Páginas 104.

**COLÉGIO PLANEJADO**, Jorge Simões. Edições Loyola. Ano 1974. Páginas 192.

Muitas vezes, ao entusiasmo que ditou a fundação de um colégio, se contrapõem certos embaraços: como planificar, organizar e impulsionar a obra? O modo de resolver certas dificuldades, no que concerne à planificação e ao impulso de um colégio é o assunto abordado pelo autor neste trabalho. O mesmo é fruto de uma longa experiência de trabalhos em colégios do Brasil, assim como de estudos especializados na matéria na Europa.

É um trabalho de ordem totalmente prática. O Colégio Planejado é o colégio previsto e planejado e impulsionado em unidade de pensamentos e de ação. Tal organização exigirá de todos os componentes da comunidade educadora não só seu ajustamento mas a sua inserção. O simples ajustamento não será permitido pois ajustar-se não é inserir-se. Todo ajustamento é restritivo, enquanto que o inserimento é total. O colégio para a consecução de sua finalidade necessita das forças totais de todos.

O autor quer oferecer a maneira prática de realizar a inserção e o emprego total das forças. Quer levantar os ideais educacionais e fazer que todo colégio se converta numa célula de esperança; a grande esperança do amanhã, que é a juventude hoje em formação.

**OUTONO EM VERTICAL**, A. Marcos Noronha. Editora Vozes. Ano 1973. Páginas 80. Este livro tenta mostrar alguns positivos das crises do mundo. As mensagens não aparecem à flor da pele. Como tudo da vida, estão misturadas e precisam de garimpo. Leia estes exemplos:

Sigo, nos passos do menino, a história inteira do jardim, o velho jardim onde o homem brincou. Quando não sei o que vejo, levanto uma tábua do chão, com os olhos soltando perguntas. Tentação de agitar este outono, como se faz com um frasco, para provar que a véspera existe, longa que seja, com vida no fundo. Meu mundo tem sinos que não batem mais a não ser com o vazio. É o povo amarelo e sofrido que faz o amarelo renascer. Menino, treina os outros para aceitar os fatos do campo do sério.

Se alguém não aguentar ver um feto não deve mexer com esperança. Toda gestação é sombria, tem arrumação nova, cheiro de tinta fresca, barulho de paredes ameaçando ruína e coisas apodrecendo. O povo vive outono na pele. Mas sabe brincar sem pisar nas covas. Em chão de terra segredo acaba.

⊙

**O ANO SANTO**, Bernardo Canzl. Editora Vozes. Ano 1974. Páginas 68. A cada 25 anos é celebrado, na Igreja, o Ano Santo. Qual a origem histórico-bíblica desta festa? Que sentido tinha ela para os antigos? Que modificações sofreu ao longo dos séculos? Qual a sua significação hoje, exatamente quando o Papa Paulo VI acaba de proclamar mais um Ano Santo? O autor faz todo este levantamento histórico e

passa a tecer considerações espirituais e pastorais em torno dos dois grandes temas básicos do jubileu: a **Renovação** e a **Reconciliação**. Renovação na Igreja, renovação bíblica, litúrgica, missionária, espiritual, os movimentos ecumênicos como renovação, a renovação social; as festas da renovação, as reformas, etc., são os principais temas estudados e meditados na primeira parte do livro. A reconciliação do homem consigo mesmo, com o próximo, com a sociedade, com Cristo, com a Igreja são alguns dos temas da segunda parte. Um estudo sobre a Igreja em desenvolvimento e sobre Cristo como modelo de toda renovação termina o trabalho, atual e que será de grande ajuda para todos os cristãos.

●

**A REVISÃO DE VIDA, INSTRUMENTO DE EVANGELIZAÇÃO**, Cláudio Perani. Edições Loyola. Tradução do original italiano **La Revisione di Vita, Strumento di evangelizzazione**, de Luís João Galo. Ano 1974. Páginas 206.

A revisão de vida está na encruzilhada de quase todos os caminhos da pastoral. Hoje, falar da renovação da ação católica, de impulsos de grupos espontâneos, dos movimentos de ambiente, dos institutos seculares, dos grupos de espiritualidade de vários tipos, significa até certo ponto, chegar à revisão de vida. Trata-se do elemen-

to essencial destas renovações e destes impulsos novos.

A razão é simples: o cristianismo tende a identificar-se com a vida, depois de todo o processo de clarificação e de intensificação da relação Igreja-mundo. Segue-se que, em nossos dias, qualquer espiritualidade está à procura do método para inserir a Palavra de Deus na trama viva das situações de vida, tanto pela vida interior dos cristãos como pela sua atividade apostólica no mundo.

A revisão de vida é muito mais do que a simples técnica de certo tipo de reflexão sobre o Evangelho. É um modo de ser e de agir no mundo, é uma forma de pensar, de julgar e de agir com uma consciência cristã unificada no fato de pertencer simultaneamente à Igreja e ao mundo. Por isso é tão atual, tão urgente e importante nas exortações pastorais, nos planejamentos de renovação das estruturas e dos movimentos. O livro de Cláudio Perani insere-se com perfeita harmonia nesta realidade.

●

**DEUS MORA NA CONTRAMÃO**, Hilário Cristofolini. Edições Paulinas. Ano 1974. Páginas 132. É um pequeno livro que obriga a um compromisso. O livro oferece uma filosofia e um evangelho escrito com lágrimas e sangue, sobre a cruz de um chamado difícil.

**Crédito-**

Aceites cambiais, empréstimos e financiamentos, refinanciamentos através do PIS, FINAME, FIPEME, FIMACO, empréstimo em moeda estrangeira, avais e garantias, leasing, crédito direto ao consumidor.

**Distribuição e venda-**

Letras de câmbio, certificado de depósito a prazo fixo, fundos de investimentos, ações e debêntures, incentivos fiscais, títulos governamentais.

**Investimentos -**

Emissão e registro de títulos, administração de valores, custódia de títulos, participação acionária, underwriting, administração de fundos de investimento, operações em bolsas de valores, certificado de depósito de valores mobiliários em garantia.

**O Denasa  
presta todos  
os serviços  
de um banco de  
investimento.  
E está entre os  
10 grandes.**

O Banco Denasa tem uma equipe de técnicos pronta para oferecer a você a melhor solução. Especialistas no mercado de capitais, fazem um atendimento rápido e eficiente de todos os serviços de um banco de investimento. Na hora de escolher, pense grande. Escolha um dos 10 maiores. O Denasa, por exemplo. O do atendimento especial:

**Conselho de Administração**

**Presidente**

Juscelino Kubitschek de Oliveira

**Conselheiros**

Lucas Lopes

Baldomero Barbará Filho

Louis Steuerman

Luiz G. de Souza Lima

Victor Nunes Leal

Fernando Geraldo Simonsen

Mme. Liliane V. Schneider

**Diretoria Executiva**

**Presidente**

Baldomero Barbará Neto

**Vice-Presidentes**

Rodrigo P. de Pádua Lopes

Rodolfo E. Antici

Carlos Alberto Mendes

Henrique Souza Lima

**Diretores**

Roberto Lima Neto

Lúcio Santos Pereira

Marcos Milliet

José Guilherme Padilha

Cel. Mucio Scorzelli

**Diretoria Adjunta**

Carlos Murilo F. dos Santos

Wladimir Rioli

Júlio Rego

Evandro F. Paiva

**Banco Denasa de Investimento S.A.**



Denasa - Desenvolvimento Nacional S. A.

Crédito, Financiamento e Investimentos

Denasa S. A. - Corretora de Títulos e Valores Mobiliários

Denasa Distribuidora de Títulos e Valores Mobiliários S. A.

Denasa Leasing S. A.

Denasa Marketing e Comunicação Ltda.

Denasa Sistemas e Métodos S. A.

Denasa Imobiliária S. A.

Denasa São Paulo Corretora de Valores Mobiliários e Câmbio Ltda.

Denasa Corretora de Seguros Ltda.

Rio de Janeiro - Rua da Alfândega, 28 - Tel.: 244-5022

São Paulo - Rua da Consolação, 368 - Tels.: 256-8696 - 256-7880

Belo Horizonte - Av. Augusto de Lima, 150 - Tel.: 26-9751 e

Av. Amazonas, 311 - 7º andar - Tel.: 22-1577

Brasília - Edifício Gilberto Salomão - Setor Comercial Sul - Bloco M

Lojas 3 e 6 - Tels.: 24-8609 - 24-9609

Porto Alegre - Rua dos Andradas, 1332 - 2º andar - Tel.: 24-1140